

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
RODRIGO NASCIMENTO FEITOZA**

OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS
Uma leitura de Todos os Nomes de José Saramago

MANAUS

2016

RODRIGO NASCIMENTO FEITOZA

OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS
Uma leitura de Todos os Nomes de José Saramago

Dissertação de Mestrado em Literatura para a obtenção
do título de Mestre em Literatura pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras Língua Portuguesa pela
Universidade Federal do Amazonas

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque

MANAUS

2016

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F311o Feitoza, Rodrigo Nascimento
Os fins justificam os meios : Uma leitura de Todos os Nomes /
Rodrigo Nascimento Feitoza. 2016
83 f.: 31 cm.

Orientador: Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque
Orientador: Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Pós-Modernidade. 2. Alteridade. 3. Ipseidade. 4. Mesmidade.
5. Ética. I. Albuquerque, Gabriel Arcanjo Santos de II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

RODRIGO NASCIMENTO FEITOZA

OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS: UMA LEITURA DE TODOS OS NOMES
DE JOSÉ SARAMAGO

Manaus, 16 de novembro de 2016

Membros da Banca de Defesa:

Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque (UFAM)
Orientador

Prof. Dra. Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)
Co-Orientadora

Prof. Dra. Ana Amélia de Andrade Guerra (ESBAM)
Membro

Prof. Dr. Marcos Federico Kruger (UEA)
Membro

Prof. Dra. Lileana Mourão Franco de Sá (UEA)
Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a ajuda prestimosa de todos que sabendo das minhas dificuldades retiraram as pedras do caminho.

À UFAM que me possibilitou a formação em Economia e Letras-*Língua Portuguesa*.

À FAPEAM que me concedeu bolsa de estudos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras.

À Manaus onde me sinto um estranho.

A José Saramago.

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação à Paz e à
Fraternidade.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I- <i>TODOS OS NOMES: UM DIÁLOGO COM A PÓS-MODERNIDADE</i>	13
CAPÍTULO II - <i>TODOS OS NOMES: AONDE VAI ESTE NAVIO?</i>	30
2.1 O ROMANCE EM SI.....	32
2.2 AS AÇÕES DO ACASO.....	37
2.3 O NAVIO SE LANÇA AO MAR	39
2.4 O TEMPO E A NARRAÇÃO DA VIAGEM.....	41
2.5 OS RISCOS.....	46
2.6 O CEMITÉRIO.....	55
2.7 A TRANSGRESSÃO	58
2.8 O INUSITADO COMUM A TODOS.....	61
CAPÍTULO III – <i>FAMA, ALTERIDADE E A ÉTICA DO CARINHO</i>	63
3.1 O ESTRANHO CONHECIDO: A QUESTÃO DO OUTRO	67
3.2 A RELAÇÃO ENTRE O Sr. JOSÉ E O CONSERVADOR	70
3.3 O SR. JOSÉ E O PASTOR-DE-OVELHAS.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

RESUMO

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em estudos literários, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Literatura.

O estudo dos aspectos éticos da obra *Todos os Nomes* de José Saramago suscitou grande complexidade na abordagem temática, sobretudo, no que tange à experiência literária na Pós-Modernidade, uma vez que nessa época vive-se sob condições de esmagadora e autoeternizante incerteza. Sendo essa uma experiência inteiramente distinta de uma vida subordinada à tarefa de construir a identidade, de quais valores éticos se pode falar, então? A época atual, também conhecida como distópica, faz com que, toldados pelo universo interior, os indivíduos cultuem a própria personalidade e caiam nos extremos de uma autossuficiência egoísta. O narcisismo se mobiliza nas relações sociais, e a experiência da abertura de sentimentos de um para com os outros se torna destrutiva. A estrutura de uma sociedade intimista é dupla. Assim não implica mais o homem como ator ou homem como criador, posto que o seu *eu* é composto de intenções e de possibilidades; numa sociedade cujos valores estão invertidos, a aprovação ou a censura se dirigem a ações mais do que aos atores. “E agora José?” é o dilema que se apresenta nas aventuras de *Todos os Nomes*, romance criado por Saramago em 1997. Dar-se-á no presente estudo especial atenção ao éthos da personagem e aos aspectos éticos e morais que são levantados no desenrolar das suas ações. A busca pela mulher desconhecida coloca o protagonista diante da Senhora do rés-do-chão-direito, do Pastor de Ovelhas, do Conservador, diante de si e de outras personagens. A falsificação da credencial, o furto de papéis velhos na escola onde a mulher do verbete estudara e o mal uso dos documentos oficiais vão enquadrando o protagonista em vários dilemas éticos e morais que se justificam ou se coadunam à máxima evidenciada pelo narrador, “se andam tantas pessoas por aí a apregoar que os fins justificam os meios, ele quem era para as desmentir.” (SARAMAGO, 1997, p.60). O protagonista, Sr. José, é uma personagem em busca de si, de uma identidade, cuja trajetória carrega a marca da contradição humana, uma vez que o Outro na sua essência, é também parte do que sou e plataforma sobre a qual se manifesta a minha diferença. Essa identidade se desmembra em Ipseidade e Mesmidade. A pesquisa tinha por objetivo geral verificar a hipótese da religação ética entre as personagens presentes no romance de José Saramago. O quadro teórico principal da pesquisa é formado por Zygmunt Bauman, Tzvetan Todorov, Stan Van Hooft e Paul Ricoeur. Inclui-se como teóricos complementares, Bartolomeu dos Santos, Agripina Carriço Vieira, Ian Watt, Eric Hobsbawn, Edgar Morin, Leyla Perrone-Moisés, Horácio Costa, Teresa Cristina Cerdeira e Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Modernidade, Alteridade, Ipseidade, Mesmidade, Ética.

ABSTRACT

Abstract of the Master Dissertation submitted to the Postgraduate Program in Literary Studies, Federal University of Amazonas - UFAM, as part of the requirements for obtaining a Master's Degree in Literature.

The study of the ethical aspects of José Saramago's work, *All the Names*, aroused great complexity in the thematic approach, especially in relation to the literary experience in the Post-Modernity, since at that time one lives under conditions of overwhelming and self-effacing uncertainty. If this is an entirely different experience of a life subordinated to the task of constructing identity, what ethical values can one speak of, then? The present epoch, also known as dystopic, causes, blinded by the inner universe, individuals to worship their own Personality and fell into the extremes of selfish self-sufficiency. Narcissism is mobilized in social relationships, and the experience of opening one's feelings towards one another becomes destructive. The structure of an intimate society is twofold. Thus man no longer as an actor or man as creator, since his self is composed of intentions and possibilities; In a society whose values are inverted, approval or censorship is directed at actions more than the actors. "And now José?" Is the dilemma presented in the adventures of *All the Names*, a novel created by Saramago in 1997. This study will focus on the ethos of the character and the ethical and moral aspects that are raised in their actions. The search for the unknown woman places the protagonist in front of the "Senhora do res-do-chão direito", of the "Pastor-de-Ovelhas", of the "Conservador", before him and other characters. The falsification of the credential, the theft of old papers in the school where the woman of the entry had studied and the misuse of the official documents, are framing the protagonist in several ethical and moral dilemmas that are justified or in line with the maxim evidenced by the narrator, "if they walk So many people out there proclaiming that the ends justify the means, he who was to deny them. "(SARAMAGO,p.60,1997). The protagonist, Mr. José, is a character in search of himself, an identity, whose trajectory bears the mark of human contradiction, since the Other in its essence, is also part of what I am and platform on which it manifests my difference. This identity breaks up into Ipseity and Sameness. The research had as general objective to verify the hypothesis of the ethical reconnection between the characters present in the novel of José Saramago. The main theoretical framework of the research is formed by Zygmunt Bauman, Tzvetan Todorov, Stan Van Hooft, and Paul Ricoeur. It includes as complementary theorists, Bartolomeu dos Santos, Agripina Carriço Vieira, Ian Watt, Edgar Morin, Leyla Perrone-Moisés, Horacio Costa, Teresa Cristina Cerdeira and Michel Foucault, etc.

KEY WORDS: Post-Modernity , Alterity , Selfhood , Sameness , Ethics

INTRODUÇÃO

Quando se olha a Terra de um ponto qualquer da Lua, ou de uma base espacial ancorada nas cercanias do planeta, é impossível distinguir identidades humanas, particularizá-las em seus pormenores, em suas mais diversas facetas; é preciso aproximar bastante a lente e aumentar em milhares de vezes o zoom desse periscópio para que se comece a enxergar indivíduos.

Em uma sociedade Pós-Moderna vencer as barreiras do Outro tem se tornado algo bastante complexo. Sabe-se que as diferenças entre os indivíduos existem, e portanto, ferramentas de conciliação têm de estar à mão de todo e qualquer sistema social para que a ordem e a paz reinem. As leis têm de ser seguidas à risca, e as transgressões a elas, entendidas como forma de se melhorar a própria convivência. Nesse viés organizacional e administrado que é a vida na Pós-Modernidade, a Ipseidade e a Mesmidade devem ser entendidas como vias para a beleza de uma convivialidade harmônica, em que cada indivíduo reconhece a sua própria singularidade, sua Ipseidade, atentando para o fato de que ela se dá em um contexto de Mesmidade.

Na Pós-Modernidade, os indivíduos têm mais liberdade de ação, assim a ética aristotélica que tem como proposta primordial o *telos*, esbarra muitas vezes em uma ética kantiana, *deontológica*, resultando em conflitos de identidade e adequação social de um indivíduo a um grupo ou a um mecanismo de poder e dominação. De acordo com Bauman (p.9, 1998), a Pós-Modernidade parece ter encontrado a pedra filosofal que Freud repudiou como uma fantasia ingênua e perniciosa: ela pretende fundir os metais preciosos da ordem limpa e da limpeza ordeira, diretamente a partir do ouro do humano, do demasiadamente humano reclamo de prazer, de sempre mais prazer e sempre mais aprazível prazer.

A personagem de *Todos os Nomes*, Sr. José, como se verá no decorrer desta dissertação, é um transgressor de regras, rompeu as leis deontológicas da Conservatória Geral do Registro Civil, para pôr fim a um mistério: encontrar

uma mulher desconhecida, a que lhe pousara nas mãos, por acaso, pelas vias de um verbete.

No percurso de suas descobertas demasiadamente humanas, o Sr. José, adentra espaços, falsifica documentos oficiais, adocece, cai, enxerga-se sujo no espelho, repudia-se, constrange-se, espicaça, monta-se, desmonta-se, chora, sofre, adoce, mente, furta, ultrapassa limites e imposições *para* enfim encontrar-se.

A sociedade capitaneada pelos valores do *Consumismo* como patamar de felicidade, coisifica as relações humanas e muitas vezes dissolve o caráter de solidariedade que precisa haver entre as pessoas, para que as vias do “bom”, do “bem” e do “belo” possam ser alcançadas. Vencer distâncias é um primado da Globalização. Mas muitas vezes essa distância se dá entre pessoas próximas como é o caso da relação quase “virtual” vivida entre o Sr. José e o Conservador, virtualidade que se desfaz, pelas vias da *Mesmidade*. Muitas vezes, a experiência de abertura de sentimentos de “um” para com o “outro” se torna destrutiva, fazendo com que a estrutura de uma sociedade intimista seja dupla. Assim em uma sociedade cujos valores estão invertidos, a aprovação ou a censura se dirigem a ações mais do que aos atores, e dessa forma o mais importante não é o que a pessoa faz, mas como ela se sente a respeito.

A época atual é conhecida como um momento da História em que os três pilares da Revolução Francesa foram ressignificados, dentre eles, a Liberdade é aquela que reina soberana, é o valor com que devem ser mensurados e avaliados todos os outros valores. Segundo Bauman (p.9,1998) Isso não significa, porém, que os ideais de beleza, pureza e ordem que conduziram os homens e mulheres em sua viagem de descoberta moderna tenham sido abandonados, ou tenham perdido um tanto do brilho original. Agora, todavia, eles devem ser perseguidos – e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais.

Embora os indivíduos pós-modernos sejam levados a se autorrealizarem, têm de viver essas experiências dentro de uma convivialidade pacífica, cuja materialização parece impossível, demonstrando assim, a fragilidade do verniz civilizatório. Para se conquistar uma convivência

harmônica entre as pessoas, faz-se necessário que as sociedades possuam princípios morais e éticos capazes de refrear os instintos de seus cidadãos.

Os estudos até aqui feitos acerca da construção da identidade possibilitaram enxergar o quanto esse terreno é instável em um contexto eclipsado por valores de mercado.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo precípuo elencar aspectos éticos presentes na obra de José Saramago, *Todos os Nomes* e, para alcançá-lo, o texto foi dividido em três capítulos. O Primeiro Capítulo traz a análise crítica e um panorama histórico da obra do referido autor português. O Segundo Capítulo tratará da exegese do romance e no Terceiro Capítulo tratar-se-á da Secularidade, da Alteridade, da Ipseidade, da Mesmidade e da Fama.

Por fim, em *Todos os Nomes*, os valores éticos de fraternidade e solidariedade vencem e a compreensão dada pelas relações humanas estabelecidas dentro e fora da Conservatória mostra-se pedagógica.

CAPÍTULO I- *TODOS OS NOMES*: UM DIÁLOGO COM A PÓS-MODERNIDADE

O romance *Todos os Nomes* teve sua primeira publicação no ano de 1997 e ele não está inserido dentro da perspectiva da metaficção historiográfica a que pertencem os textos de *História do Cerco de Lisboa* e *Memorial do Convento*. Esse momento de mudança na escritura de Saramago, registrada após a publicação de *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes* pode ser interpretado como um reflexo do interesse do autor por uma temática mais universalista.

Com *Levantado do Chão*, narrativa que conta a história de três gerações de camponeses acossados pelos ditames da Igreja e do Estado, que Saramago encontra a forma de escrita que lhe caracteriza, com a pontuação que lhe é peculiar, dando ênfase à oralidade.

Em *Memorial do Convento*, José Saramago, falou dos trabalhadores que ajudaram a construir a edificação monumental, erguida em Mafra, para o cumprimento de uma promessa. A linguagem barroca do texto e não menos pós-moderna no estilo de escrita se transfigura tempos depois em um *Ensaio sobre a Cegueira*, onde o medo individual e coletivo são evidenciados. O pânico coletivo pode criar situações catastróficas, como no caso em que se recorre a preconceitos e a distinções de gênero “supostamente” superadas, para definir o papel que cada um deve desempenhar.

A alegoria criada aqui por José Saramago, eivada de elementos óbvios “como uma cegueira” e um *happy end* em que “todos voltam a enxergar”, apresenta-se com uma trama de mais fácil compreensão. A Cegueira, embora circunstancial, é passageira.

De acordo com Agripina Carriço Vieira (p.379, 1999) algumas marcas discursivas de Saramago são inconfundíveis, é o caso do hibridismo da voz narrativa, a pluralidade de competência do narrador, o tom sentencioso, o discurso oralizante, a prepoderância do tempo na construção da narrativa

(oscilando entre o passado da história e o presente da narração) a temática fulcral do papel da História e a apropriação dos sinais gráficos.

José Saramago apresenta uma relação complexa e mutante com a tradição literária que incorpora em sua escritura. São três os principais autores portugueses pelos quais ele é profundamente influenciado: Almeida Garret, Alexandre Herculano e Eça de Queirós.

Segundo Horácio Costa (p.99, 1998) o traço estilístico entre Saramago e Almeida Garret é a digressão. A influência de Eça Queirós aparece relacionada ao manejo da ironia, com a qual construiu uma linguagem própria. De Alexandre Herculano ele herdou o apreço pela história portuguesa, pois foi Herculano um dos mais significativos historiadores de seu tempo, dando destaque à contribuição das classes mais baixas para a História.

Sabe-se que do ponto de vista da História tradicional, *ad usum delphini*, os grandes feitos, as grandes obras humanas, embora despendendo enorme sacrifício, os louros eram dados aos reis e às rainhas não à massa de operários. É justamente essa gente esquecida dos documentos oficiais que irá aparecer na escrita do autor português: Raimundos, Blimundas, Josés, artesãos, auxiliares-de-escrita.

De acordo com o que diz Bartolomeu dos Santos, (p.389, 1999), “A quem pode interessar uma vida sem história nem grandeza? [...]” A quem causava interesse adentrar ao âmbito do privado, dando privilégio aos que são considerados a massa, o povo, os heróis anônimos cujas existências medianas pouco interessavam?

Para Ian Watt (p.63,2010) o interesse do romancista pela vida cotidiana de pessoas comuns depende de duas importantes condições gerais: a sociedade deve valorizar muito cada indivíduo para considerá-lo digno da sua literatura séria; e deve haver entre as pessoas comuns suficiente variedade de convicções e ações para que seu relato minucioso interesse a outras pessoas comuns, aos leitores de romances. Provavelmente essas condições só vieram a prevalecer em época mais ou menos recente, pois resultam do surgimento de uma sociedade caracterizada por aquele vasto complexo de fatores independentes que se denomina “individualismo”.

O individualismo ou a individualidade é a principal marca da Modernidade, época da História caracterizada pelo liberalismo econômico e pelos valores filosóficos do Iluminismo.

Não é propriamente correto chamar-se o Iluminismo de uma ideologia de classe média, embora houvesse muitos iluministas e foram eles os politicamente decisivos- que assumiram como verdadeira a proposição de que a sociedade livre seria uma sociedade capitalista.[...] É mais correto chamarmos o “iluminismo” de ideologia revolucionária, apesar da cautela e moderação política de muitos de seus expoentes continentais, a maioria dos quais – até a década de 1780 – depositava sua fé no despotismo esclarecido. Pois o Iluminismo implicava a abolição da ordem política e social vigente na maior parte da Europa. (HOBSBAWN, p.42, 2009)

O Liberalismo de Adam Smith punha o Estado, com sua mão invisível, como coadjuvante da pujança e bem-estar social e, catapultava a figura do homem de negócios bem sucedido, como símbolo de um estilo de vida que deveria ser almejado por todos os cidadãos.

Um grupo social bastante coerente deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a “burguesia”, suas idéias era o liberalismo clássico, conforme formuladas pelos “filósofos” e “economistas” e difundidas pela maçonaria e associações informais. [...] Em sua forma mais geral, a ideologia de 1789 era a maçônica expressa com tão sublime inocência em A Flauta Mágica de Mozart (1791), uma das primeiras grandes obras de arte propagandísticas de uma época em que as mais altas realizações artísticas pertenceram tantas vezes à propaganda. (HOBSBAWN, p.90-91, 2009)

A análise de um romance produzido na Pós-Modernidade suscita reflexões a respeito da Modernidade. Na Pós-Modernidade, as artes passam a ter um papel de simulacro e não mais representação, pois elas não estão de modo algum interessadas na realidade social.

No âmbito desta análise, considerar-se-á que houve uma ruptura significativa entre as duas temporalidades. Uma quebra significativa se deu em relação à arte literária, uma vez que a produção pós-moderna tem como característica a ausência de escolas ou regras de produção artística como havia no Romantismo, no Realismo-Naturalismo, no Neoclacissismo, etc.

[...] se o ser da linguagem da literatura moderna é também elisão do sujeito, da alma, da interioridade, da consciência, do vivido, da reflexão, da dialética, do tempo, da memória... No momento em que a linguagem escapa da

representação clássica e é tematizada como significação na modernidade, a palavra literária se desenvolve, se desdobra, se reduplica a partir de si própria, não como interiorização, psicologização, mas como exteriorização, passagem para fora, afastamento, distanciamento, diferenciação, fratura, dispersão com relação ao sujeito, que ela apaga, anula, exclui, despossui, fazendo aparecer um espaço vazio: o espaço de uma linguagem neutra, anônima. (MACHADO, p.115, 2000)

Como se sabe, o *Romance* aparece como meio de interação entre o indivíduo e a realidade circundante, no qual se manifestam os valores da época em que foi escrito. Chama-se de romance realista a uma produção literária relativa ao século XVIII, concretizando a tendência de substituir a tradição coletiva pela experiência individual como mediadora da realidade.

Podemos dizer que o romance requer uma visão de mundo centrada nas relações sociais entre indivíduos; e isso envolve secularização porque até o final do século XVII o indivíduo não era concebido como um ser inteiramente autônomo, mas como um elemento num quadro cujo significado depende de pessoas divinas e cujo modelo secular provém de instituições tradicionais como a Igreja e a Monarquia. (WATT, p.89-90, 2010)

O termo *Realismo* visto pelo sentido de algo que busca expor apenas situações humanas feias, empobrece o significado da palavra *Romance*, quando na verdade a ela é associado, por ter como proposta retratar todo tipo de experiência humana, embasando-se assim, na forma como a realidade é apresentada. Desse significado é que surge a principal questão: o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade imitada.

A ficcionalidade (fingimento de mundos) da mensagem aparece como o que distingue o texto literário dos outros textos. Enquanto na lingüística o imitativo é o próprio código, que espelha a estrutura do mundo externo por meio de uma mensagem voltada para a comunicação de fins pragmáticos, na literatura a mensagem é que é mimética. (COSTA, p.57,2006)

Pode-se dizer que esse caráter mimético com que romancistas e filósofos trabalham é a característica em comum entre as duas atividades. Há que se pensar que o termo realismo formal empregado para definir um método narrativo que possui um conjunto de procedimentos e está embasado em uma premissa básica que é a de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes, situações particulares e locais de suas ações.

[...] o realismo formal do romance permite uma imitação mais imediata da experiência individual situada num contexto temporal e espacial do que outras formas literárias. Por conseguinte as convenções do romance exigem do público menos que a maioria das convenções literárias; e isso com certeza explica por que a maioria dos leitores nos dois últimos séculos tem encontrado no romance a forma literária que melhor satisfaz seus anseios de uma estreita correspondência entre vida e arte. (WATT, p.35, 2010)

Mas, em que ponto a narrativa de *Todos os Nomes* possui uma ligação com essa realidade humana atual? Ora, quando nas suas digressões acerca da vida e da morte, o narrador busca compartilhar, por meio de sua sabedoria, as conclusões a que chegou sobre as incertezas e as certezas da vida. As reflexões do narrador possibilitam que o leitor olhe para o mundo de um modo diferente.

Mas indo ao que nos interessa, aquilo de que a morte nunca poderá ser acusada é de ter deixado ficar indefinidamente no mundo algum esquecido velho, apenas para se ir tornando cada vez mais velho, sem merecimento ou outro motivo visível. (SARAMAGO, p.16, 1997)

A literatura de José Saramago estava plena de sua ideologia e, muitas vezes carregando nas tintas, o autor português buscou demonstrar a relevância do seu ponto-de-vista crítica ao Capitalismo e à exploração do homem pelo homem.

Os impactos políticos causados pelo discurso de José Saramago propiciaram-lhe inúmeros desafetos e inimizades. Há que se lembrar, por isso, o episódio que levou Saramago a sair de Lisboa e ir estabelecer-se em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, por ocasião d'*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, quando então “quebrou”, por assim dizer, um acordo tácito, uma regra de boa convivência com os católicos portugueses, ao desnudar a personagem central do Cristianismo de todo seu cariz espiritual. A justificativa dada por ele foi a de que tudo não passava de um episódio relativo à sua liberdade de expressão. Testando os limites da Democracia, não foram poucas as vezes que ele se posicionou contrário à Ordem Mundial, “Não há Democracia! Quem governa o mundo é o dinheiro!”, declarou.

Em documentários e entrevistas, o autor português dizia-se cético, ateu e observador arguto do comportamento humano. E apesar do fracasso do

Comunismo no mundo, mantivera-se fiel a essa ideologia, pois partilhava da ideia de que a Literatura possuía uma “função”. Por meio de seus livros buscou expor as fragilidades humanas. Quando perguntado sobre o fato de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ter sido banido de Portugal, Saramago retrucou dizendo que o “qüiproquó” era irrelevante, pois tudo não passava de um “romance”. Reagiu desse modo às investidas de Sousa Lara, então Secretário de Estado da Cultura, “É um livro apenas, é só um romance!”.

Há que se reconhecer, portanto, um princípio ético da parte de quem expunha os vícios humanos não como estímulo principal de sua criação literária, mas tendo a pergunta “por que não nos amamos?”, como ideia implícita.

A ênfase que Saramago deu ao amor acaba por remeter às palavras do Cristo, figura principal das religiões cristãs no Ocidente e sua personagem em *O Evangelho*. A metáfora de Jesus, “Amar ao próximo acima de todas as coisas”, busca gerar em quem ouve um apreço pela diversidade e, embora essa palavra não esteja explícita nessa metáfora, há outra na qual ela é evidente: “Há muitas moradas na casa de meu pai”, e é dessa maneira que se compreende que a mensagem de Jesus ratifica essa conduta perante a realidade.

A escrita de José Saramago como anuncia Tereza Cristina Cerdeira (p.175-177, 1999) é uma constante contemplação das flores de escrivantina, em que a sedução da linguagem se faz tão poderosa que toma para si o espaço da verdade, seja nos romances de cunho histórico ou não.

O romance *Todos os Nomes* se inicia por conta do acaso. Temas como a fama, a incerteza da vida, a certeza da morte, a desordem, o caos e a ordem permeiam as aventuras de uma personagem sem nome, que vê num verbete de uma mulher desconhecida o mote para empreender uma aventura.

Quando conseguiu enfim recuperar o fôlego baixou-se para apanhar os verbetes, um, dois, três, quatro, cinco, não havia dúvida, seis, à medida que os recolhia ia lendo os nomes que lá estavam, famosos todos, menos um. Com a precipitação e agitação dos nervos, o verbete intruso viera pregado ao que o precedia, de finos que eram a diferença de espessura mal se notava. (SARAMAGO, p.36, 1997)

Essa viagem de descoberta em vista da qual se lança o Sr. José será traçada pelas ruas de uma cidade inominada tal qual as personagens do livro. Essa questão onomástica, que no primeiro momento dá para a narrativa um caráter ímpar, funciona na alegoria de maneira a conduzir o leitor a perceber que ele faz parte de um todo de dimensões muito maiores, a alegoria do Universo.

O estranhamento inicial para quem comece por descobrir a escrita saramaguiana por *Todos os Nomes* já é parte do caos pós-moderno: do indivíduo “sem-nome”, identificado pela função que ocupa ou pelo número no Registro Geral.

Em relação ao nome da personagem, Leyla Perrone-Moisés (p.430, 1999) ressalta que “José” é um nome próprio muito comum que convém a uma personagem sem história em cuja insignificante vida, o bom e o mau haviam sido raros.

O Sr. José ocupa o cargo de auxiliar-de-escrita na Conservatória Geral do Registro Civil, o que equivale a dizer tendo-se por base a hierarquia da repartição, que ele, assim como os outros sete auxiliares, está na posição mais baixa.

Diante da pergunta, “E agora, José, perguntou-se.” (SARAMAGO, p.105, 1997), o protagonista de *Todos os Nomes* não titubeia e segue, na sua busca solitária, adentrando espaços que, mesmo quando abertos, têm, predominantemente, uma atmosfera desoladora, chuvosa, fria e cinzenta; não são apenas os aspectos climáticos os obstáculos ao protagonista, mas os vetores que expõem as suas fraquezas.

Segundo Agripina Carriço Vieira (p.386, 1999), aos espaços nomeados e reconhecíveis dos romances anteriores a *Todos os Nomes* sucedem espaços inomináveis e indefinidos. Em lugar dos topônimos, encontram-se lugares ausentes, indefinidos, designações genéricas: uma cidade, o edifício da Conservatória Geral do Registro Civil, o Cemitério Geral, o Conservador, a Senhora do rés-do-chão direito. As personagens reconhecem-se por aquilo que fazem, são ou usam e não pelo nome próprio.

Dentro da perspectiva da Modernidade e Pós-Modernidade a nomeação das personagens ganha um caráter mais individual e estão a serviço do público para qual estas narrativas são endereçadas.

Nas formas literárias anteriores evidentemente as personagens em geral tinham nome próprio, mas o tipo de nome utilizado mostrava que o autor não estava tentando criá-las como entidades inteiramente individualizadas. Os preceitos da crítica clássica e renascentista concordavam com a prática literária, preferindo nomes ou de figuras históricas ou de tipos. De qualquer modo os nomes situavam as personagens no contexto de um amplo conjunto de expectativas formadas basicamente a partir da literatura passada, e não do contexto da vida contemporânea. (WATT, p.20, 2010)

Apresenta-se a máxima de que somos apenas Vontade, não um nome. E por isso ata-se um fio discursivo com a tradição universal, cujo tempo e espaço eram secundários na narrativa.

O narrador de *Todos os Nomes* deixa transparecer por vezes sua opinião, construindo um diálogo com o leitor a quem cabe melhor entender aquilo de que ele está tratando, um mistério que perpassa as ações da personagem dando um tom de suspense, tanto em termos de ação quanto de linguagem. E nada melhor do que fazer uso da metáfora como recurso estilístico para a obtenção do que ele almeja.

Convém lembrar o que evidencia Agripina Carriço Vieira (p.384,1999) quando o narrador saramaguiano assume papel de escritor, é ele o olhar que observa, a mão que escreve e a voz que fala. Por si, essa particularidade não pode ser vista como uma inovação, a estranheza nasce do fato que a narração de segundo nível tem o mesmo tom irônico e sentencioso da narração de primeiro nível. Daí ser permitido inferir que se está diante de um narrador polifônico e participante nas ações.

O narrador então diz que, “a metáfora sempre foi a melhor forma de explicar as coisas.” (SARAMAGO,p.267,1997). A nível menos superficial poder-se-ia dizer que o uso desse meio, para esclarecer a história, é uma maneira de levar o leitor a ressignificação dos fatos, um jogo entre passado e presente que aparece a todo momento no objeto narrado e já evidenciado pela descrição monumental da Conservatória, onde estão guardados os registros dos papéis velhos e dos novos, que lá fora vão nascendo.

A recusa fundamental e a metáfora originária dizem respeito a este primeiro ato de construção do Eu ou de encontro de si: assim como a metáfora é transferência de significação da inércia da linguagem prática para o ensaio criador que rompe o limite do utilitarismo da palavra, assim também o fundamento da transgressão do limite é a liberação da subjetividade que se

confunde com o encontro de si. Neste processo de ressignificação a palavra é muito mais do que instrumento: é o *médium* formador da visão do mundo, é o abandono da percepção cega e o achado da trama interna da linguagem que revela a negatividade do real e a positividade da utopia. Da necessidade de uma palavra que apenas substitui o silêncio à liberdade das significações contingentes, a expansão da consciência ocorrerá não apenas em termos de latitude descritiva das coisas, mas sobretudo como flexibilidade significativa que aprofunda o valor expressivo da linguagem. (SILVA, p.56, 1996)

Nesse processo de ressignificação dos fatos por motivos éticos, dada a época em que o romance foi escrito, pode-se entendê-lo como uma alegoria da Pós-Modernidade, conquanto se saiba da recusa de José Saramago em identificar sua literatura como Pós-Moderna.

Como a literatura é uma arte se faz necessária a distinção entre sentido literal e alegórico.

Falando em termos simples, a alegoria diz uma coisa e significa outra coisa diferente, e segundo a concepção que se tinha do termo na Antiguidade, a metáfora quanto mais se estende ao longo do texto, mais ela se aproxima do que se concebe por alegoria, além disso o fator moralizante que há em *Todos os Nomes*, reside no fato de que a Ética, entendida como teoria moral, preocupa-se a todo momento em questionar as ações dos indivíduos, no caso aqui, da personagem Sr. José. Sendo assim, dados os encontros e desencontros do Sr. José ao longo da narrativa, a experiência ética faz com que a personagem ressignifique a sua existência, a partir do momento em que encontra o verbete da “mulher desconhecida”, deixando de ser o “ordeiro” funcionário que sempre foi para se tornar um “displacente” empregado - pelo menos até o encontro definitivo com o Conservador, quando se redesenha a dinâmica da narrativa em que os erros da solidão cometidos pelo Sr. José contra si próprio, se sobrepõem aos erros de seu trabalho. A presença da Morte é o fator moralizante, dela não se fala explicitamente, embora o seu perfume evolva fantasiosamente e fantasmagoricamente ao longo do texto.

De acordo com Tzvetan Todorov (p.71, 2010) a alegoria implica na existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras; diz-se às vezes que o sentido primeiro deve desaparecer, outras vezes que os dois devem estar presentes juntos. Em segundo lugar, este duplo-sentido é indicado na obra de maneira explícita; não depende da interpretação (arbitrária ou não)

de um leitor qualquer, em *Todos os Nomes*, a alegoria começa pela questão onomástica.

Quando se pensa de modo livre acerca do título do romance, *Todos os Nomes*, poder-se chegar à conclusão de que se trata de uma lista onde estão escritos vários nomes, de várias personagens participantes de algum conflito, etc. Contudo, à medida que os fatos vão aparecendo percebe-se que muitas são as possibilidades de ressignificar o próprio título, da incerteza da vida e finitude da morte. De *Todos os Nomes* inscritos nos Cartórios e Conservatórias a todos os presentes nos Cemitérios, de todos os presentes na coleção do Sr. José e que, nesse caso, a Identidade desaparece.

O fato de colecionar pessoas famosas e esse ato possibilitar que o Sr. José possa ressignificar sua existência, surge uma questão relativa à Pós-Modernidade: Vive-se em uma época de culto às celebridades?

As celebridades são pessoas que fazem coisas que todos os outros mortais fazem, com a diferença que tudo o que fazem se torna alvo constante de especulação.

A hierarquia dentro da Conservatória faz funcionar um mecanismo burocrático muito parecido com um Panóptico, instrumento idealizado por Bentham, cuja funcionalidade reside no fato de que um único indivíduo vigia a conduta de todos os outros, como fazia o bedel e como ainda o faz o carcereiro. Hoje em dia, por conta da sofisticação tecnológica, cabe às câmeras espalhadas pelas ruas, monitorarem os cidadãos.

A ideia oposta ao panóptico e que se encaixa bem com a proposta de uma época de celebridades é o termo sinóptico, em que um grupo grande de pessoas vigia a vida de um único indivíduo.

Os poucos, que são observados, são as celebridades. Podem ser do mundo da política, do esporte, da ciência, do espetáculo ou apenas especialistas em informação, famosos. De onde quer que venham, no entanto, todas as celebridades exibidas colocam em exibição o mundo das celebridades – um mundo cuja principal característica é precisamente a condição de ser observado.[...] No sinóptico, os habitantes locais observam os globais. A autoridade destes últimos é garantida por seu próprio distanciamento, os globais não são necessariamente “deste mundo”, mas sua flutuação acima de mundos locais é muito mais visível, de forma diária e intrusa, que a dos anjos que outrora pairavam no mundo cristã: simultaneamente inaccessíveis e dentro do raio de visão, sublimes e mundanos, infinitamente superiores, mas dando um brilhante exemplo para todos os inferiores seguirem ou sonharem em

seguir; admirados e cobiçados ao mesmo tempo uma realeza que guia ao invés de mandar. (BAUMAN,p.61-62, 1999)

O Panótipo consegue que a vigilância seja contínua em seus efeitos, ainda que descontínua em suas ações, é uma máquina de dissociar o par “ver-ser-visto”, uma espécie de laboratório de poder.

O panoptismo é capaz de reformar a moral, preservar a saúde, revigorar a indústria, difundir a instrução, aliviar os encargos públicos, estabelecer a economia sobre um rochedo, desfazer, em vez de cortar, o nó górdio das leis sobre os pobres, tudo isso com uma simples ideia arquitetural. (FOUCAULT apud BENTHAM, p.196, 2010)

Sem se dar conta, embora tome bastante cuidado na sua execução e não subestime a inteligência de seus interlocutores, as ações do Sr. José são observadas, medidas e ganham notoriedade perante seu grupo social. É diante do Conservador, da Senhora do rés-do-chão direito, do Teto e do Pastor-de-Ovelhas, que o Sr. José encontra as chaves para chegar ao fim de sua busca. Essa interação proporciona questões referentes ao *éthos* do protagonista.

O caráter é o que permite ver qual a decisão adotada após reflexão: eis o motivo por que o caráter não aparece absolutamente nos discursos de quem os profere, quando este não revela a decisão adotada ou rejeitada. (ARISTÓTELES, p. 38, 2011)

De acordo com Agripina Carriço Vieira (1999, p.389), em *Todos os Nomes*, a problematização do Outro é feita a partir da presença constante da figura do duplo, inscrita em vários níveis: na construção da narrativa, na estruturação do discurso, na modelação das personagens, na especialização da mesma história, num primeiro momento constante por um narrador distante exterior à ação e que, a meio do discurso decide incluir os apontamentos do protagonista. O leitor é, desta forma, confrontado com duas versões correspondentes a duas visões da mesma história.

Os pensamentos e a moral adotada pelo Sr. José aparecem com mais evidência diante do Teto, com o qual a personagem trava solilóquios, com o Conservador, com a Senhora do-rés-do-chão direito e com o Pastor-de-ovelhas.

Agora, deitado de costas, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, o Sr. José olha o tecto e pergunta-lhe, Que poderei eu fazer a partir daqui, e o tecto respondeu-lhe, Nada, teres conhecido a última morada dela, quer dizer, a última morada do tempo em que frequentou o colégio, não te deu nenhuma pista para continuares a busca, claro que poderá ainda recorrer às moradas anteriores. (SARAMAGO, p.157, 1997)

A relação com o Chefe da Conservatória Geral está restrita ao ambiente hierárquico da repartição onde aparece o binómio superioridade/inferioridade.

Ao longo da narrativa, inúmeros adjetivos são usados para definir o comportamento e a personalidade do Sr. José (SARAMAGO, p.57, 1997): pacífico, cordato de costumes funcionário competente, metódico, dedicado, mas após iniciar as suas buscas o Sr. José torna-se relapso e começa a ser objeto de avisos severos. Quando cai de cama por conta de uma gripe, a sua imagem, tanto pessoal como a de funcionário se tornam desleixadas. Convém lembrar que a doença apareceu depois de o Sr. José ter ido à Escola onde a mulher do verbete tinha estudado; a partir desse evento o falsário tornou-se ladrão, pois furtou documentos do arquivo-morto da escola.

No Cemitério, o Sr. José encontra o Pastor-de-Ovelhas e durante a conversa que os dois estabeleceram o Pastor revela que troca os números das sepulturas antes que os nomes sejam postos nelas, “quem é essa pessoa, Eu, Mas isso é um crime, protestou indignado o Sr. José, Não há nenhuma lei que o diga, Vou denunciá-lo agora à administração do Cemitério” (SARAMAGO, p.240, 1997). Uma questão moral é assim levantada nesse ponto do romance, e ela é importante para que o leitor consiga perceber o lado mesquinho e o julgamento de valor do protagonista. A sua prepotência, posto que ele é tão criminoso e falsificador quanto o Pastor, mas colocado diante de um espelho, o Sr. José parece que não se enxerga.

Para Bauman (p 282, 1997), a razão não pode ajudar o eu moral sem privar o eu do que faz o eu moral: o impulso não-fundado, não-racional, não-argumentável, não-dado a excusas e não-calculável, de se estender para o outro, de cuidar, de ser por, de viver por, aconteça o que acontecer. A razão versa sobre tomar decisões corretas, ao passo que a responsabilidade moral precede a todo pensar sobre decisões porque ela não cuida, nem pode cuidar, de qualquer lógica que permita a aprovação de uma ação como correta. Sendo assim, a moralidade só pode ser "racionalizada" à custa de sua autonegação

ou auto-abrasão. Daquela autonegação ajudada pela razão, o eu emerge moralmente desamparado, incapaz (e não desejoso) de enfrentar a multidão de desafios e cacofonias morais das prescrições éticas. No extremo da longa marcha da razão, está à espera o niilismo: o niilismo moral que em sua mais profunda essência não significa a negação do código ético vinculante, nem as asneiras da teoria relativista, mas a falta de capacidade de ser moral.

Dentro dos estudos éticos devem-se considerar dois preceitos que dividem os comportamentos humanos em: deônticos e aretaicos. Os termos deônticos são: certo, errado, obrigatório, proibido. Os aretaicos significam “força”, “coragem”, “excelência”, valores típicos do cavaleiro medieval, uma idealização da qual foge a personagem do Sr. José, como foge também Raimundo Silva de *A história do Cerco de Lisboa*.

A ética do dever está eminentemente preocupada com a ação, enquanto a ética da virtude enfoca um tanto mais o agente. Embora use termos aretaicos para descrever ações, a ética da virtude está mais interessada na condição moral do agente que do que em saber se a sua ação está certa ou errada. Ela enfoca o caráter do agente e as virtudes que constituem esse caráter. As ações do agente são vistas como expressões desse caráter, não sendo, portanto, o principal objeto de atenção. (HOOFT, p.23, 2013)

Retomando a narrativa num ponto em que, ao entrar na casa de banho do diretor, na Escola, local que invadiu para encontrar pistas do paradeiro da mulher desconhecida, o Sr. José ao avistar-se no espelho diz, “não imaginara que pudesse ter a cara naquele estado, sujíssima, sulcada de riscos de suor, Este não pareço eu, pensou, e provavelmente nunca o havia sido tanto.” (SARAMAGO, p.112, 1997).

De acordo com Chevalier (p.396,2008), o espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. O espelho na sala do diretor reflete a imagem do Sr. José, que se vê “empoderado” pelos fins alcançados por meios ilícitos.

Visualiza-se na cena o jogo moral e ético proposto pela narrativa. Se o meio lhe permite agir dessa forma, tanto quanto ao Pastor, por que o Sr. José criminalizou as ações do Outro? Uma possível justificativa encontra-se na conversa que se passou entre ele e o Conservador.

Nunca fiz mal a ninguém, pelo menos em consciência, é tudo quanto lhe posso dizer, E erros contra si próprio, Devo ter cometido muitos, se calhar por isso é que me encontro sozinho, Para cometer outros erros, Só os da solidão, senhor. O Sr. José, que, como era seu dever, se tinha levantado à aproximação do chefe, sentiu subitamente as pernas frouxas e uma onda de suor a inundar-lhe o corpo. (SARAMAGO, p.141, 1997).

Quando se recorre a pontos distintos, o julgamento moral das ações da personagem ficam mesmo nas mãos do leitor, basta lembrar que a decisão final do Conservador foi paradoxal ao seu papel na hierarquia, pois ele optou pela Desordem, e ao optar pela desordem, tanto quanto fez o Diretor da Escola ao atribuir um juízo de valor a não punição do furto, ficou tudo como se nada tivesse acontecido.

Apresentou queixa à polícia, Para quê, uma vez que nada havia sido roubado, não valia a pena, a polícia dir-me-ia que está lá para investigar delitos não para desvendar mistérios. É estranho, não há dúvida, Verificamos em toda parte, todas as instalações, o cofre estava intacto, tudo se encontrava no seu sítio.(SARAMAGO, p.267,1997)

Mas como se não bastassem essas circunstâncias a elas se somaram o fato de que a mulher do verbete havia se suicidado dois dias depois do deplorável episódio que transformou em delinquente o até aí honesto Sr. José. A questão é que a certidão de óbito da mulher desconhecida havia desaparecido do arquivo, o que por si só justificaria a busca do Senhor José. Ora, quando não se encontra uma coisa é preciso ir atrás dela. Assim, se alguém resolvesse denunciar o Sr. José à polícia, a acusação esbarraria no argumento de que realmente estava a serviço da Conservatória.

O diálogo de religação estabelecido entre o Chefe da Conservatória e o Sr. José cria a possibilidade de uma nova ordem dentro da repartição. “Ora, é falando ao outro (não dando-lhe ordens, mas dialogando com ele), e somente então, que reconheço nele uma qualidade de sujeito, comparável ao que eu mesmo sou.” (TODOROV, p.190, 2003). Religar-se a outrem é uma atitude necessária, ainda que se viva em uma sociedade individualizada.

Para Edgar Morin (p.21-26, 2007), todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação. O desenvolvimento do individualismo apresenta dois aspectos antagônicos: o enfraquecimento da

tutela comunitária conduz primeiro: ao universalismo ético e depois: ao desenvolvimento do egocentrismo. O insuflamento do ego pode ser observado, não apenas nas celebridades instantâneas, que pululam no mundo real, mas também nas ações de pessoas aparentemente comuns como o Sr. José que, como já foi visto, para alcançar seus objetivos, rasgou a ética do dever da Conservatória e assim ultrapassou os limites morais, falsificando e furtando documentos. O Sr. José não fez o que era esperado, não cumpriu com o Dever.

Acresce a essas informações que o Sr. José justifica seu comportamento pelo uso de uma máxima de Maquiavel, “se muitos são os que dizem que os fins justificam os meios, quem era ele para os negar?” Esse uso vulgar do discurso de Maquiavel para justificar o uso do seu poder, não impediu que o narrador estabelecesse um juízo das ações da personagem, considerando-as “ímorais”.

Evidentemente que o percurso humano na Pós-Modernidade requer a reflexão se a experiência de uma maior liberdade fará eclodir no homem comportamentos viciosos ou virtuosos. Se há um leque de escolha gigantesco, a dúvida é saber se se fez ou não a opção certa. E a razão continua sendo um bom legislador.

No que diz respeito às dúvidas sobre a capacidade da razão de legislar a moralidade da convivência humana, não se pode colocar a culpa no degrau da porta da tendência pós-moderna de descartar o programa filosófico ortodoxo. As manifestações mais pronunciadas do relativismo moral-programático ou resignado podem-se encontrar nos escritos de pensadores que rejeitam e ressentem veredictos pós-modernos e expressam dúvida quanto à existência de uma perspectiva pós-moderna, nem se fale da validade de juízos pretensamente feitos desde o seu ponto de vista. Além de sinais de valor acrescentados (muitas vezes como reflexões posteriores), há pouco a escolher entre registradores científicos ostensivamente "antimodernos" dos modos e meios dos "eus inseridos" e as declarações arrogantemente "pós-modernas" de que "tudo vai", dado suficiente espaço e suficiente tempo. (BAUMAN,p.282,1997)

A ordem estabelecida pela Conservatória era a de que o “dever” se sobrepõe aos interesses individuais e que cada funcionário trabalhando ali no seu “posto” direciona suas virtudes na execução de sua tarefa. Mas o Sr. José rompe com essa hierarquia, mostrando o indivíduo por trás do crachá. Esse choque de interesses é algo bem peculiar à Pós-Modernidade.

Segundo Bauman (p.283,1997) no fim do ambicioso projeto pós-moderno de certeza moral universal, de legislar a moralidade dos e para os eus humanos até substituir os impulsos morais inconfiáveis pelo código ético socialmente subscrito - o eu confuso e desorientado encontra-se só perante dilemas morais sem escolhas, conflitos morais não-resolvidos e a dificuldade torturante de ser moral. Felizmente para a humanidade (ainda que nem sempre para o eu moral) e apesar de todos os esforços de especialistas em contrário, a consciência, aquela última fonte incitadora do impulso moral e raiz da responsabilidade moral — apenas foi anestesiada, não amputada.

Viver na Pós-Modernidade não significa a substituição definitiva da ética pela estética, como afirma Gilles Lipovetsky, que classifica a época atual como de “pós-dever”. Para Bauman o “pós-dever” é algo improvável, devido ao fato de que os temas que são caros à ética: a sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo, equilíbrio entre cooperação pacífica e auto-afirmação pessoal e justiça social, direitos humanos, ainda continuarem relevantes. Esses temas precisam ser vistos hoje sob uma outra perspectiva. Afinal, não se pode deixar tudo à mercê da vontade dos indivíduos, haja vista o caos que isso causaria.

São as ações que a pessoa precisa *escolher*, ações que a pessoa *escolheu* dentre outras que podia escolher, mas que não escolheu, que é preciso calcular, medir e avaliar. A avaliação é parte indispensável da escolha, da tomada de decisão; é necessidade sentida por humanos como tomadores de decisão, necessidade sobre a qual raramente refletem os que agem apenas por hábito. Uma vez que venha a avaliar, porém, fica evidente que "útil" não é necessariamente "bom", ou "belo" não tem que ser "Verdadeiro". Uma vez que se fez a pergunta sobre os *critérios* da avaliação, as "dimensões" da mensuração começam a ramificar-se e crescer em direções cada vez mais distantes entre si. O "modo certo", uma vez unitário e indivisível, começa a dividir-se em "economicamente sensato", "esteticamente agradável", "moralmente apropriado". As ações podem ser certas num sentido, e erradas noutra. Que ação deve ser medida e por que critérios? E se numerosos critérios se aplicam, a qual dar prioridade? (BAUMAN,p.9, 1997)

O parâmetro mais adequado para avaliar se se fez a escolha certa é o da satisfação pessoal, que em si já é um indicativo de individualidade e egoísmo, mas se essa vontade estiver direcionada ao bem-estar dos Outros também, o conflito se resolve.

A concepção do que é bom e belo depende do momento histórico e do poder político exercido pela classe dominante. A substituição de um regime

político por outro criou um impasse sobre quais valores morais adotar. A solução encontrada foi criar um Estado laico que predispusessem os homens a viverem dentro de regimes democráticos.

O ideal de convivência fraterna entre os homens que regidos por leis humanistas maximizariam o seu bem-estar, ainda hoje é visto apenas como um parâmetro de beleza eivado de romantismo, dada a condição instintual humana, ainda não superada e bastante aviltada por um sistema capitalista que se embasa na competitividade para continuar existindo.

Dentro dessa perspectiva histórico-social, a Individualidade é algo que está em constante mutação e o problema maior reside não no fato de o indivíduo ter liberdade, mas em saber se a escolha que fez, entre as inúmeras, foi a mais correta.

A opção feita pelo Sr. José em adicionar informações da Conservatória à sua coleção de pessoas famosas, transgredindo as regras estabelecidas no seu local de trabalho e invadindo espaços para descortinar a individualidade do seu objeto buscado é descobrir-lhe a subjetividade.

A opção entre seguir as regras estabelecidas e dar vazão às suas vicissitudes constitui uma *aporia*. Esse conflito de interesses precisa ser resolvido de algum modo. De que forma resolvê-lo?

O homem está mergulhado no social, e a certeza da morte o assombra e impulsiona para a eternidade. “A vida seria totalmente diferente se a morte não a acompanhasse desde o início, mas se se apresentasse apenas no seu término.” (MORIN, p.275, 1997)

A eternidade entendida não no sentido da vida após a morte, mas como a permanência do “nome” do indivíduo, com a produção de algo que possa ser lembrado pelos seus pares como histórico e definitivo.

Essa questão visualizada no conflito entre a liberdade individual e a ética do dever, tendo sido particularizada pela análise de uma obra de José Saramago, aprofundar-se-á nos capítulos subseqüentes. No Capítulo II, far-se-á a exegese do romance e no Capítulo III aprofundar-se-ão os estudos sobre a ética, a secularidade e a alteridade.

CAPÍTULO II - *TODOS OS NOMES: AONDE VAI ESTE NAVIO?*

“O acaso não escolhe, propõe, foi o acaso que lhe trouxe a mulher desconhecida, só ao acaso compete ter voto nesta matéria.”

José Saramago

A literatura e a filosofia são por excelência dois lugares onde desembocam os primeiros indícios da angústia de uma época: *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Dr. Jivago*, *Frankeinstein*, *O livro do Desassossego*, *Todos os Nomes* ou *Ensaio sobre a Cegueira*, são alguns exemplos de uma produção literária marcada pelas dúvidas e pelas ilusões de uma civilidade burguesa moderna ou pós-moderna. Da trajetória tumultuada do herói russo, que cruza de um extremo ao outro seu país, da moldagem de uma sensibilidade exposta em cartas e que levou leitores ao suicídio ou a uma poesia que era a própria expressão da angústia na Modernidade, vê-se marcadamente a presença da morte.

O espectro da morte vai assombrar a literatura. A morte, até então mais ou menos envolta nos temas mágicos que a exorcizavam, ou contida na participação estética, ou camuflada sob o véu da decência, aparece nua. (MORIN, p.286, 1997)

O documentário *Levantado do Chão* produzido em 2008, pela Rede de Televisão Portuguesa RTP1, trouxe informações sobre a produção literária de José Saramago, com depoimentos de amigos, escritores e críticos literários, além do próprio autor em momentos de intimidade e rememoração de fatos que influenciaram profundamente a consecução de muitos de seus romances.

Na ocasião, José Saramago, em relato lido pelo narrador do documentário, fala sobre a escrita de *Todos os Nomes*, diz ele, *“O romance Todos os Nomes talvez não tivesse chegado a existir, se eu, em 1956, não tivesse andado tão enfrunhado no que se passa dentro das Conservatórias Gerais do Registro Civil.”* A sua ida à Conservatória se deu em virtude da morte de seu irmão Francisco, causada por uma broncopneumonia quando o mesmo tinha quatro anos. O intrigante no caso dessa morte e que despertou

esperança na família, foi que somente a Certidão de Nascimento de Francisco encontrava-se na Conservatória Geral, faltava a certidão de óbito. Mas onde ela estava? O desencontro fez com que a família acreditasse na possibilidade de que ele estivesse vivo. O imbróglio só teve um desfecho quando ao procurar nos arquivos do Cemitério, José Saramago descobriu que o menino estava de fato morto e que havia sido enterrado em Benfica.

No que essa informação se assemelha com a narrativa aqui tratada? Há muitas semelhanças e por isso cabe dizer que a perspectiva adotada para deslindar esse processo de autoria é a de Bakhtin.

Como se sabe na obra de arte, o todo do homem está presente, mas na vida real não se consegue estabelecer esse todo, pode-se tão somente moralizar atitudes tomadas e quais os fatores que as influenciaram. O autor acentua as características de sua personagem e é de um procedimento axiológico único de que nasce esse “todo”. Somente após o objeto estar definitivamente enformado é que se pode julgar suas atitudes.

Segundo Bakhtin (p.6, 2003) o autor-criador ajuda na compreensão do autor-pessoa e já depois, suas opiniões a respeito de sua obra ganharão significado elucidativo e complementar, e que o autor é uma energia ativa e formadora, um produto cultural de significação estável.

A crítica literária tende a considerar a personagem e o autor como elementos da vida psicológica e social, sem atentar para a questão estética que reside nessa inter-relação. Por isso não se deve buscar explicar a personagem pela biografia do autor, até porque as reações das personagens diante dos acontecimentos da vida se dão de um modo distinto às reações do autor diante de alguns fatos.

É claro, que às vezes o autor põe suas ideias diretamente nos lábios da personagem tendo em vista a significação teórica ou estética (política, social) dessas ideias visando a convencer quanto à sua veracidade ou a propagá-las, mas aí já não estamos diante de um princípio esteticamente produtivo do trabalho da personagem. (BAKHTIN, p.7, 2003)

A crítica atual propõe a análise da participação dos fatos da vida do autor na narrativa, tendo em vista a questão do ser da linguagem, em especial, da literária.

Segundo Machado (p.113, 2000) pensar a literatura como experiência e a experiência literária como anônima e autônoma da linguagem significa querer ultrapassar a oposição entre interioridade e exterioridade, entre sujeito e objeto, pela experiência da própria obra, ou pela própria obra como experiência. E por isso, deve-se compreender que a linguagem literária é pura e só fala de si mesma, que não expressa nenhuma realidade preexistente.

Ainda na Literatura “A morte de Deus” determinou o fim de um período em que a palavra literária estava subordinada ao transcendente, ao divino, a um plano superior de seres. A Modernidade rompeu com essa tradição e pôs o destino do mal nas mãos do Homem, e, assim, evidenciou sua finitude, sua morte. A linguagem literária faz o ser da linguagem aparecer. O sujeito que se distancia de sua subjetividade por meio da literatura não é o sujeito do conhecimento filosófico e que funda as ciências, é um ser que se desenha nas dobras gramaticais da linguagem, se reduplica, transgride a realidade, não se limita, antes se torna infinito porque a linguagem literária assim o é.

No momento em que a linguagem escapa da representação clássica e é tematizada como significação na modernidade, a palavra literária se desenvolve, se desdobra, se reduplica, a partir de si própria, não como interiorização, psicologização, mas como exteriorização, passagem para fora, afastamento, distanciamento, diferenciação, fratura, dispersão com relação ao sujeito, que ela apaga, anula, exclui, despossui, fazendo aparecer um espaço vazio: o espaço de uma linguagem neutra, anônima. O aparecimento do ser da linguagem é o desaparecimento do sujeito. (MACHADO, p.115, 2000)

Embora se reconheça a influência dos acontecimentos na consecução do romance *Todos os Nomes*, deve-se levar em consideração a linguagem como experiência transgressora em José Saramago.

2.1 O ROMANCE EM SI

O romance *Todos os Nomes* começa pela descrição monumental do prédio da Conservatória Geral do Registro Civil, apresentada como uma construção imponente e hierarquizada à semelhança de outros tantos prédios da burocracia estatal.

A disposição dos lugares na sala acata naturalmente as precedências hierárquicas, mas sendo, como se esperaria harmoniosa deste ponto de vista, também o é do ponto de vista geométrico, o que serve para provar que não existe nenhuma insanável contradição entre estética e autoridade. (SARAMAGO, p.12, 1997)

A distribuição do trabalho na repartição está de tal modo segmentado que cabe àqueles que fazem parte da categoria mais baixa de funcionários executar primordialmente as tarefas maiores, para que aos seus superiores fique muito pouco a ser feito; acresce que o narrador explica a partir desse instante que o motivo pelo qual se desenrolaram os acontecimentos que ele irá relatar ocorreram em virtude dessa estratificação.

A contínua agitação dos oito da frente, que tão depressa se sentam como se levantam, sempre às corridas da mesa para o balcão, do balcão para os ficheiros, dos ficheiros para o arquivo, repetindo estas e outras sequências e combinações perante a indiferença dos superiores, tanto imediatos como afastados, é um fator indispensável para a compreensão de como foram possíveis e lamentavelmente fáceis de cometer os erros, as irregularidades e falsificações que constituem a matéria central deste relato. (SARAMAGO, p.13,1997)

Os arquivos na Conservatória estão arranjados de modo bastante peculiar. Os documentos dos vivos foram postos em estantes gigantescas e se estendem, a perder de vista, pelo interior do edifício. Já os papéis dos mortos são guardados de forma desleixada. A desorganização dos mortos é ainda mais evidente devido ao fato de que logo após os arquivos considerados ativos, foram postos os documentos dos mortos mais antigos, os quais quase nunca causam interesse, a não ser, quando um historiador ou antropólogo vai procurá-los.

Propôs-se a reorganização do lugar, chegar os mortos mais recentes às prateleiras mais próximas e, aos poucos, empurrar os arquivos dos já há muito falecidos para o fundo da Conservatória.

Um dos subchefes é que foi o autor da proposta. O Conservador não pensou duas vezes e encarregou-o do começo da tarefa. Para não se sentir muito humilhado, o subchefe pediu aos auxiliares que lhe encaminhassem algum serviço, ferindo assim a hierarquia. Essa infeliz iniciativa fez aumentar o desleixo, as incertezas, a ponto de um dia, um desavisado pesquisador que

enveredou pelos arquivos, só ter sido descoberto uma semana depois em estado de desnutrição.

O chefe da Conservatória Geral, que já mandara vir à sua secretária o verbete e o processo do imprudente historiador para dar por morto, decidiu fazer vista grossa aos estragos, oficialmente atribuídos aos ratos, baixando depois uma ordem de serviço que determinava, sob pena de multa e suspensão de salário, a obrigatoriedade do uso do fio de Ariadne para quem tivesse de ir ao arquivo dos mortos. (SARAMAGO, p. 15, 1997)

Ao cabo do primeiro capítulo, os apontamentos do narrador giram em torno de questões relacionadas ao destino, sobretudo à morte, a única coisa que é certa na vida. Nesse momento, já se pode notar a presença dos aspectos filosóficos que estão inerentes a essa narrativa, e eles se manifestam quando o narrador faz uso das digressões.

Já se sabe que ou muito que os velhos durem a hora deles acabará sempre por chegar. Não passa um dia sem que os auxiliares de escrita tenham de retirar processos das prateleiras dos vivos para os levar ao depósito do fundo, não passa um dia em que não tenham de empurrar na direção do topo das estantes os que permanecem, ainda que às vezes por capricho irônico do enigmático destino, só até ao dia seguinte. (SARAMAGO, p.16, 1997)

A partir desse contato com o trabalho burocrático, o narrador apresenta a personagem do auxiliar-de-escrita, o Sr. José, no momento em que o Conservador dá-lhe a ordem de substituir as capas dos arquivos.

A falta de identificação, de um nome que lhe caracterize melhor, que lhe atribua qualidades é a tônica da história e com ela o leitor haverá de se conformar, já que o caminho percorrido por esse navio vai do nada ao nada, ou melhor, a uma suposta identidade, represada pela vivência desprezível da personagem dentro de um espaço, cujas dimensões gigantescas tendem a anular sua individualidade. O narrador, desse modo, apresenta seu protagonista.

Com as duas sílabas de José, e as duas sílabas de senhor, quando estas precedem o nome, sucede mais ou menos o mesmo. Nela será sempre possível distinguir, ao dirigir-se alguém, na Conservatória e fora dela, ao nomeado, um tom de desdém, ou de ironia, ou de irritação ou condescendência. Os restantes tons, os da humildade e da lisonja, embaladores e melódicos, esses nunca soaram aos ouvidos do auxiliar de escrita, esses não têm entrada na escala cromática dos sentimentos que lhe são manifestados habitualmente. (SARAMAGO, p.20,1997)

A sua “inexistência” só é interrompida pelo fato de que a personagem faz coleção de pessoas célebres, e é esta a razão que o motiva a cortar jornais e revistas e incrementar seu arquivo de famosos. Há nessa ação do colecionador, uma razão metafísica, como supõe o narrador, que é a de pôr ordem no mundo, de vencer a morte.

Uma noite em que estava arrumando a sua coleção teve uma ideia que mudou completamente sua rotina, e ela consistia em adentrar nos arquivos da Conservatória, para acrescentar às informações dos jornais e revistas, outras que tinham mais a ver com os arquivos oficiais.

Viu-se que o narrador mostrou que as peripécias que iriam acontecer, seriam possíveis em virtude da bagunça causada pela mais recente ordem dada pelo Conservador, a de ir aos poucos trazendo os arquivos dos cidadãos recentemente mortos, pondo-os mais próximos dos arquivos dos vivos e pondo mais para o fim do prédio, aqueles mortos há mais tempo. Nesse outro momento da narração, ele apresenta as circunstâncias que propiciaram o surgimento da ideia de acrescentar e corrigir informações acerca da coleção do Sr. José com o uso dos registros arquivados.

[...] nunca uma informação avulsa colhida na imprensa, sabe-se lá até que ponto estava a faltar em suas coleções, isto é, a origem, a raiz, a procedência, por outras palavras, o simples registro de nascimento das pessoas famosas cujas notícias de vida pública se dedicara a compilar. (SARAMAGO, p.25, 1997)

A ideia fora acolhida pelo auxiliar-de-escrita e as ações seguintes apresentaram-no abrindo a porta da Conservatória e copiando os dados que lhe faltavam sobre a vida do bispo. Uma mistura de arrependimento e euforia tomara-o, quis recuar, mas a sublimidade do momento o fizera manter-se firme à sua pesquisa, ainda que se visse admoestado pelas questões éticas que lhe tomavam a mente.

Ao devassar aqueles papéis tinha cometido uma infração à disciplina e à ética, talvez mesmo à legalidade. Não porque as informações que deles constavam fossem reservadas ou secretas, como não o eram de facto, porquanto qualquer pessoa teria podido apresentar-se na Conservatória a solicitar cópias ou certidões dos documentos do bispo sem precisar de explicar os motivos do pedido e os fins a que as destinava, mas porque havia

desrespeitado a cadeia hierárquica procedendo sem a necessária ordem ou autorização de um superior. (SARAMAGO, p.27, 1997)

A experiência foi tão fascinante para o auxiliar-de-escrita que ele sentiu uma confiança em si mesmo jamais experimentada ao longo de toda a sua vida. Sentindo-se o “senhor dos arquivos” sentou-se na cadeira do chefe e se pôs a devanear sobre seu feito. A Conservatória era agora o centro do mundo e ele estava sentado na cadeira mais poderosa de todas. Esse ato de sentar-se na cadeira do chefe reflete uma tentativa de auto afirmação.

Os primeiros “indivíduos afirmados” que emergem na superfície social são os dominadores: o xamã e o chefe. [...] chefes e xamãs vão guardar para si uma imortalidade especial, gloriosa, esplêndida, que eles abrem por favor a seu círculo, isto é, aos iniciados.(MORIN, p.50, 1997)

Fisgado pela mosca azul, e imantando pelo poder que ele supôs que adveio de seu “sentar-se na cadeira do chefe”, o Sr. José encaminhou-se de volta para casa, pois outro dia se anunciava pelas janelas do prédio. Ele então tomou o seu desjejum, fez a sua higiene pessoal e, como de costume, deu a volta ao prédio e entrou na Conservatória pela porta principal sem que os seus colegas tivessem percebido a mudança que lhe ocorrera.

[...] e quando eram horas, saiu pela outra porta, a da rua, deu a volta ao edifício e entrou na Conservatória. Nenhum dos colegas se apercebeu de quem havia chegado, responderam como de costume à saudação. Disseram, Bons dias, Sr. José, e não sabiam com quem estavam a falar. (SARAMAGO, p.28, 1997)

O Sr. José agora era outro, o Colecionador. Se durante toda a sua vida de funcionário público nunca seus colegas ouviram-lhe a opinião, de agora em diante a sua postura será outra.

Com a evolução e formação de classes, a afirmação da individualidade vai primeiro se polarizar nos senhores. Os senhores vivem, no geral, nas distrações, no prazer, não são especializados, são eles mesmos, porque pertencem a si mesmos. Os oprimidos são ao mesmo tempo os apêndices manuais deles, e os apêndices da terra, da mina, da máquina que eles trabalham. São servos, sujeitos; e sujeito na linguagem dos reis significa “objeto”. Segundo a ótica dos senhores eles pertencem ao reino das coisas. (MORIN, p.53, 1997)

Com os atos tomados por si, o protagonista se descoisificou. Disposto a dar continuidade ao preenchimento das informações faltantes à sua coleção com cem celebridades, ele adentrará ao espaço do escritório, noturnamente, mesmo que um dos subchefes chegue a notar o uso maior dos materiais de expediente.

2.2 AS AÇÕES DO ACASO

Em certa noite, mesmo após o Conservador ter baixado um “Cumpra-se”, para que se usassem os materiais de expediente com moderação, o Sr. José foi buscar o que lhe faltava. Dessa investida trouxe seis verbetes. Cinco pertenciam a pessoas famosas, mas um não.

Quando já voltava para recolocar os documentos que havia retirado das estantes, lembrou-se de verificar a quem pertencia o sexto verbete.

A meio caminho, de súbito, parou. É curioso, não me lembro se é de homem ou de mulher o verbete que veio pegado. Voltou atrás, tornou a sentar-se, demoraria assim um pouco mais a força do que tem de ser. O verbete é de uma mulher de trinta e seis anos, nascida naquela mesma cidade e dele constam dois averbamentos, um de casamento outro de divórcio. (SARAMAGO, p. 37, 1997)

A confusão estabeleceu-se na cabeça do funcionário, que buscava por meio dos pensamentos que ia tendo, a razão por trás daquele acontecimento inusitado. Cair-lhe nas mãos um verbete de alguém desconhecido era algo que não esperava.

Nessa noite, não conseguiu dormir com a paz costumeira. Os pensamentos metafísicos lhe tomavam, a ponto de ver crescer-lhe a resolução acerca da importância dos cem que colecionava em oposição ao “um” que lhe viera a reboque. E embora a resposta obtida tenha sido a de que todos tinham a mesma importância, o mesmo peso, o desassossego persistia e o seu interesse aumentava ainda mais, à medida que se prolongava em discutir consigo próprio, quais deveriam ser as suas ações dali em diante.

Se alguém lhe entrasse em casa nesse momento e lhe perguntasse, Acredita realmente que o um que você é também vale o mesmo que cem, que os cem do seu armário, para não irmos mais longe, valem tanto como você,

responderia sem hesitar, Meu caro senhor, eu sou um simples auxiliar de escrita, nada mais que um simples auxiliar de escrita de cinqüenta anos que não foi promovido a oficial, se eu achasse que valia tanto como um só dos que ali tenho guardados, ou como qualquer destes cinco de menos fama, não teria começado a fazer a minha coleção. (SARAMAGO, p. 38, 1997)

O excerto acima demonstra com mais clareza os motivos que levaram o auxiliar de escrita às aventuras noturnas. Ao contrário do que se possa pensar, a sua atividade de colecionador reforçava ainda mais o seu sentimento de “ninguendade”. E o inusitado se estabelece, quando lhe caem nas mãos, o verbete de uma desconhecida. Por que se sente tão instigado a descobrir de quem se trata? O fato de ser um arquivo de alguém que não é famoso pouco altera sua baixa-estima.

Ao cabo de dois dias, o Sr. José tinha já a decisão tomada: foi checar se os dados que constavam no verbete eram de fato corretos e, assim, encontrou a casa onde a mulher desconhecida havia nascido e se criado. As emoções voluptuosas que sentira foram de tal modo significativas que se viu sobressaltado.

Parado no passeio, olhou a rua como senão a tivesse visto ainda, há trinta e seis anos os candeeiros de iluminação davam uma luz mais pálida, a calçada não era asfaltada, mas de pedras alinhadas, a tabuleta da loja da esquina anunciava sapatos e não comida. [...] O tempo moveu-se, recomeçou a dilatar-se aos poucos, depois mais depressa, parecia que dava sacões violentos, como se estivesse dentro de um ovo e forcejasse por sair, as ruas sucediam-se, sobrepunham-se, os prédios apareciam e desapareciam, mudavam de cor, de feitio, todas as coisas buscavam ansiosas por seus lugares antes que a luz do amanhecer viesse mudar novamente os sítios. O tempo pusera-se a contar os dias desde o princípio, agora usando a tábua de multiplicação para recuperar o atraso, e com tanto acerto o fez que o Sr. José já tinha outra vez cinqüenta anos quando chegou a casa. (SARAMAGO, p.46, 1997)

A admoestação causada pela sua busca foi tanta que o protagonista mal conseguia dormir, mas tão logo se viu tomado pelo sono, foi acometido por uma angústia que o fizera despertar. O excerto abaixo traz o diálogo entre a Angústia e a Razão, melhor seria dizer o duelo entre ambas.

E que vai ele fazer, se já não realizar o que pensou, Fará o que sempre fez, recortará recortes de jornais, fotografias, notícias, entrevistas como se não tivesse sentido nada, Coitado, não acredito que o consiga, Porquê, A angústia, quando chega, não se vai embora com essa facilidade, Poderá escolher outro

verbete e ir à procura dessa pessoa, o acaso não escolhe, propõe, foi o acaso que lhe trouxe a mulher desconhecida, só ao acaso compete ter voto nesta matéria, Não lhe faltam desconhecidos no fichero, Mas faltam-lhe os motivos para escolher um deles, e não outro, um deles em particular, e não um qualquer de todos os outros, Não creio que seja uma boa regra de vida deixar-se alguém guiar pelo acaso, Boa regra ou não conveniente ou não, foi o acaso que lhe pôs nas mãos aquele verbete. (SARAMAGO, p.47, 1997)

Os argumentos usados pelos dois lados são muito bons como se pode perceber. A angústia o leva adiante e a razão quer pôr fim à aventura. A essa altura, o Sr. José já fabulava se a mulher que procurava estava ou não outra vez casada. Só se pode chegar à conclusão que ele estava já apaixonado por uma desconhecida, um sentimento romântico e pueril, de quem, por conta de uma solidão avassaladora, se apega à primeira oportunidade.

2.3 O NAVIO SE LANÇA AO MAR

A investigação começa e o Sr. José vai ter com a Senhora do rés-do-chão-direito, a primeira personagem na história com quem trava maiores diálogos e dos quais se obtêm melhores informações acerca da personalidade do protagonista. Depois de falar com alguns vizinhos ele chega à casa da Senhora do rés do chão, em interrogatório com ela descobre que ela era madrinha de nascimento da mulher, objeto de sua busca. Para que pudesse iniciar a sua busca com mais eficácia, tratou de falsificar uma credencial. A falsificação, como relata o narrador, não lhe custou muito, afinal, vinte e cinco anos de costumeiro serviço e de prática caligráfica sob os olhares exigentes de seu chefe e sub-chefes lhe haviam meticulosamente proporcionado um conhecimento do assunto.

A redação da credencial, o estilo, o vocabulário empregado, aduziria por sua vez, um psicólogo em reforço do parecer do caro colega, mostram à saciedade que seu autor é pessoa extremamente autoritária, dotada de caráter duro, sem flexibilidade nem abertura, seguro da sua razão, desprezador da opinião alheia, como mesmo uma criança poderia facilmente concluir da leitura do texto, que assim reza, Em nome dos poderes que me foram conferidos e que debaixo de juramento mantenho, aplico e defendo, faço saber, como conservador desta Conservatória Geral do Registro Civil, a todos quantos civis ou militares, particulares ou públicos, vejam, leiam e compulsem esta credencial escrita e firmada de meu punho e letra, que Fulano de Tal, auxiliar de escrita a meu serviço e da Conservatória Geral que dirijo, governo e administro, recebeu directamente de mim a ordem e o encargo de apurar tudo

quanto diga respeito à vida passada e futura de Fulana de Tal, nascida nesta cidade, a tantos de tal, filha de Beltrano de Tal e de Cicrana de Tal, devendo, portanto, sem mais comprovações, serem nele reconhecidos, como seus próprios, e por todo tempo que a investigação durar, os poderes absolutos que, por esta via e para este caso, delego na sua pessoa. (SARAMAGO, p.57, 1997)

Como se pode ler no trecho acima, as personagens não possuem nomes, estão totalmente destituídas de maiores caracterizações. A elas se deve atribuir pouco significado, não muito além da impessoalidade dos termos “Fulano”, “Beltrano” ou “Sicrano”. Quem foram eles de fato, se não vultos, espectros, entidades sem forma.

Quando o final de semana chegou, o Sr. José foi bater à porta da tal Senhora do rés-do-chão. Encontrou-a e o estranhamento se deu. Não apenas pelo fato de ser ela mais nova do que ele supunha, tendo apenas a flacidez no pescoço como algo referente aos seus cinquenta anos. A ele foi permitida a entrada, uma vez que para a Conservatória Geral não existem assuntos íntimos, conquanto um olhar fixo e a desconfiança de que o homem que ali estava era um impostor o perscrutasse.

A conversa entre as duas personagens prolongou-se e a intimidade entre os dois tornou-se maior até o ponto em que um revelou ao outro sua solidão, fato que os aproximou e cujas imagens se refletiram espontaneamente.

A razão é muito simples, não tenho ninguém com quem falar. O Sr. José olhou a mulher, ela estava a olhá-lo a ele, não vale a pena gastar palavras a explicar a expressão que tinham nos olhos um e outro, só importa o que ele foi capaz de dizer ao cabo de um silêncio, Eu também não. Então a mulher levantou-se da cadeira, puxou uma gaveta do móvel que estava atrás de si e tirou de lá o que parecia um álbum, São fotografias, pensou o Sr. José com alvoroço. (SARAMAGO, p. 66, 1997)

Estava certo, a senhora dos rés do chão deu a ele uma fotografia da mulher que procurava, quando essa ainda era uma menina de pouco mais de oito anos.

O narrador não esclareça quais eram as expressões nos olhos de um e de outro e a identificação mútua foi possível porque para algumas pessoas a sabedoria vem com a idade, foi um dos apontamentos feitos pela mulher no interrogatório proposto pelo auxiliar. E embora a desconfiança inicial tivesse

sido mantida, o segredo revelado por ela, o de que havia sido amante do pai da sua afilhada foi um dos “erros” cometidos, e justificados por ela, como algo relativo à sua solidão, por mais que muitas vezes se queira, ninguém é uma ilha.

Desse primeiro encontro, restou a dica final: que ele fosse procurar o paradeiro da mulher desconhecida na lista telefônica. Quis dizer ela que ele não era um bom investigador ou que a mesma já havia usado o mesmo artifício em outros momentos? Certo é que ele saiu da casa da mulher bastante mexido. Quando chegou à rua estava caindo uma chuva miúda o que fez com que o seu desassossego aumentasse. O Sr. José resolveu acolher a ideia de pesquisar na lista telefônica, adentrou à Conservatória, trajando pijamas e chinelos, depois de ter chegado à sua casa completamente encharcado.

Na Conservatória, dirigiu-se à mesa do chefe, sobre a qual estava a lista; calculou milimetricamente o local onde a mesma fora deixada para que, ao retornar com ela ao lugar, o chefe não desconfiasse que alguém ali estivera.

2.4 O TEMPO E A NARRAÇÃO DA VIAGEM

O tempo cronológico e o tempo psicológico se alternam no romance. A presença do fluxo de consciência é um recurso do autor-narrador, que propicia ao leitor o contato mais direto com os sentimentos da personagem.

O diálogo interior pareceu querer recomeçar, Era eu, Não era, Era, Não era, mas o Sr. José não lhe deu ouvidos desta vez, e, inclinando-se sobre o papel, começou a escrever as palavras assim, Entrei no prédio, subi a escada até ao segundo andar e escutei à porta da casa onde a mulher desconhecida nasceu, então ouvi o choro duma criança de berço, pensei que podia ser o filho, e ao mesmo tempo um embalo de mulher. Será ela, depois vim a saber que não. (SARAMAGO, p.75, 1997)

O narrador por vezes brinca com o ato de narrar, é o que acontece, por exemplo, logo após a conversa que o Sr. José teve com a senhora do rés do chão. Ele diz, “Se isto fosse um romance, só a conversa com a Senhora do rés-do-chão-direito daria um capítulo.” (SARAMAGO, p.75, 1997), mas é precisamente assim, que está configurada a narrativa. Há que se lembrar da máxima comum de que a vida imita a arte, e esse foi um recurso utilizado pelo

narrador para fazer a narrativa saltar à realidade, a ponto de se pensar que o que se está a ler não é um “romance”, já que no excerto acima ele definiu o que escreve não como um romance.

O que é então? Desconfigurado de sua essência, o escrito é tratado como uma investigação, uma busca, um relato, muitos nomes, muitas indefinições acerca da essencialidade da própria obra. Se ele não é um narrador, e sim um relator, a aproximação com a História é muito mais evidente.

Segundo Bakhtin (p.20, 2003) quando a personagem e o autor coincidem ou estão lado a lado diante de um valor comum ou frente a frente como inimigos, termina o acontecimento estético e começa o acontecimento ético que o substitui (o panfleto, o manifesto, o discurso acusatório, o discurso laudatório e de agradecimento, o insulto, a confissão-relatório, etc).

Desde que o Modernismo se fez no mundo que ele tem rompido com os padrões estéticos estabelecidos a fim de ressignificar a realidade. A arte pós-Moderna, então, já não está mais presa à representação da realidade exterior, como um romance estaria preso ao real, em trazer na sua escritura elementos comuns a esse gênero. Em *Todos os Nomes* as imagens não representam, apenas simulam, todos os signos flutuam em busca de significados e quem dá significado ao que está escrito é o leitor com sua interpretação. Visto como um relato de uma época em que as pessoas são identificadas pelo cargo que ocupam, pelo número da carteira de identidade, pelas roupas que usam, pelas marcas que vestem, o que ainda sobram como temas da literatura são as incertezas da vida e a certeza da morte.

2.5 A MORTE, A INDIVIDUALIDADE E A ÉTICA

Como se poderia supor, o trabalho que o Sr. José desempenhava na Conservatória foi pouco a pouco se tornando mal feito. As pesquisas noturnas consumiam-no. Certo dia, notando que as tarefas não eram cumpridas a contento, o Conservador chamou a atenção do auxiliar, perguntando-lhe se estava doente, se ele possuía alguma resposta satisfatória para dar-lhe que explicasse de modo coerente o desleixo para com o serviço. O interrogatório

feito pelo chefe prosseguiu de maneira dura até a punição que lhe fora impingida.

Levado o delinqüente à sua presença, foi isto mesmo o que o Conservador perguntou ao Sr. José, Está doente, Julgo que não, senhor, Se não está doente, como explica então o mau trabalho que tem andado a fazer nos últimos dias, Não sei, senhor, talvez seja porque tenha dormido mal, Nesse caso está mesmo doente, Se dorme mal é por que está mesmo doente, uma pessoa saudável dorme sempre bem, a não ser que tenha algum peso de consciência, uma falta censurável, daquelas que a consciência não perdoa, a consciência é muito importante, Sim senhor, Se os seus erros são causados pela insônia está a ser causada por acusações da consciência, então há que descobrir a falta cometida, Não cometi nenhuma falta, senhor, Impossível, a única pessoa, aqui que não comete faltas, sou eu, e agora que se passa, por que é está a olhar para a lista de telefones, Distraí-me, senhor, Mau sinal, sabe que tem de olhar sempre para mim quando lhe falo, é do regulamento disciplinar, eu sou o único que tem direito a desviar os olhos, Sim senhor, Qual foi a falta, Não sei, senhor, Nesse caso ainda é mais grave, as faltas esquecidas são as piores. (SARAMAGO, p.78, 1997)

A esse ponto da narrativa começa-se a perceber que as atitudes tomadas pela personagem demonstram que se está a ler sobre alguém tomado por algum tipo de loucura, ou de alguma doença como suspeita o Conservador. Mas a doença de que ele fala está relacionada ao corpo, não à mente. A esse momento da narrativa, ainda não é possível que suspeite de um mal psíquico. Embora se apresente, no trecho acima, um questionamento de sua parte sobre os possíveis problemas de consciência que admoestam a personagem. Claro que o chefe está jogando verde para colher maduro, e, ao contrário da indiferença que poderia haver de sua parte em relação ao seu funcionário, visualiza-se seu interesse em ajudá-lo.

Contrariado pelos questionamentos de seu superior, o Sr. José raciocinava sobre a estupidez da bonita herança de colecionar celebridades. Ao término desse dia chegou exausto em casa e com os nervos em frangalhos pelas admoestações que o chefe lhe fizera e, embora os erros cometidos tenham lhe custado descontos no salário, fato que deixaria uma pessoa “normal” extremamente chateada, ao personagem, custou mais o fato de o chefe não lhe ter suspenso, coisa que esperava, pois a suspensão lhe propiciaria adiantar sua pesquisa.

Os pensamentos tomaram-lhe; precisava pôr fim à sua busca, e claro aqui está, que, além da curiosidade, era a paixão que sentia pela tal mulher, que o tomava.

Convém lembrar dois conceitos importantes: o *pathos* e a *hybris*. O *pathos* é uma palavra de origem grega cujo significado é paixão, excesso, sentimento e doença. E *hybris* ou húbris é um conceito grego que pode ser traduzido como "tudo que passa da medida", algo pelo que se acaba recebendo punição.

Guiado por um *pathos* o Sr. José, como se verá, dá continuidade à sua busca. Para Edgar Morin (p.49, 1998) o movimento para a individualidade é um movimento em direção à universalidade e vice-versa. O isolamento da individualidade do mundo, desprendimento de tudo é a solidão, que pode resultar em uma neurastenia. Neste caso, o indivíduo contesta a sociedade à qual pertence e que não consegue fazê-lo esquecer a morte. A literatura é um lugar onde ele pode desaguar essa angústia, reforçando a sua individualidade diante da opressão.

A aporia de que se falou no primeiro capítulo está adstrita ao choque de escolhas entre o indivíduo e o mundo que o circunda. No caso do romance *Todos os Nomes* o limite estava posto, uma vez que em uma repartição pública ou particular, todos os funcionários devem seguir regras e normas manifestas por uma linguagem específica, a linguagem do dever.

Em que momento as atitudes do Sr. José podem ser vistas como um microcosmo do caos Pós-Moderno? Ora, a Conservatória Geral é um local que representa a burocracia e, a hierarquização das funções administrativas comuns à Modernidade. Época que também ficou marcada pelos regimes totalitários, a Pós-Modernidade dá continuação a muitos dos arranjos sociais criados anteriormente: a vida administrada, a estratificação do trabalho em linhas de montagem, o aumento da velocidade, os avanços tecnológicos, o aumento do individualismo e a separação entre o espaço público e o privado.

A cortina entre esses dois espaços que há tempos parecia mais uma parede sólida, na narrativa de *Todos os Nomes* desaparece e é evidenciada pela idas e vindas do Sr. José à Conservatória pela porta que liga a sua casa ao prédio.

As atitudes tomadas pela personagem afetam de que modo o ambiente administrativo da Conservatória? Pensar dessa maneira ajuda a evidenciar a ambivalência dos atos empreendidos pela personagem.

O papel de “investigador” entra em conflito com o de “auxiliar”. O seu “eu real” é a fonte de suas angústias, de sua solidão. Quando ele assume a posição de “investigador”, ele rompe com o estigma de solitário. E mais, o fato de ele ser um homem de cinqüenta e dois anos e ter de reconstruir a sua individualidade é marca característica da contemporaneidade, uma vez que as identidades são construídas e desconstruídas com mais facilidade do que em épocas passadas. Daí a angústia em uma época de incertezas.

Dessa maneira, pensa-se de que modo em uma sociedade individualista e egocêntrica, cujos membros gozam de uma liberdade maior que a de seus antepassados, conciliaria interesses díspares?

Sabe-se que em um mundo sem tradições e costumes os indivíduos teriam de fazer suas escolhas baseados apenas em seus próprios juízos. Esse mundo sem tradições não existe, sobretudo quando se usa a palavra transgressão. Não se vive na época do “pós-dever”, em que agir sem pensar no bem alheio é desnecessário. O que se experimenta na Pós-Modernidade muito mais do que em épocas anteriores é a transgressão, e ela é possível por conta da maior liberdade experimentada pelos homens e mulheres pós-modernos. Quando uma sociedade vivencia a liberdade plena ou parcial, como querem os regimes democráticos, a manutenção da ordem, em primeiro momento, se dá por meio da educação, de uma sofisticação vocabular e pela reiteração de conceitos na mentalidade das pessoas, a fim de que se viva dentro da paz social. É o caso, por exemplo, das palavras: alteridade, tolerância, diversidade, solidariedade.

A moralidade é incuravelmente *aporética*. Poucas escolhas (e apenas as que são relativamente triviais e de menor importância existencial) são boas sem ambiguidade. A maior parte das escolhas morais são feitas entre impulsos contraditórios. O que, porém, é mais importante é que quase todo impulso moral, se se age sobre ele plenamente, leva a conseqüências imorais (da maneira mais característica, o impulso de cuidar do Outro, quando levado ao extremo, conduz à aniquilação da autonomia do Outro, a dominação e opressão); todavia, não se pode implementar nenhum impulso moral a não ser que o agente moral seriamente se esforce para estender o esforço ao limite. O eu moral move-se, sente e age em contexto de ambivalência e é acometido pela incerteza. Daí que a situação moral livre de ambiguidade tenha apenas a

existência utópica como estimulante e estímulos talvez indispensáveis para um eu moral, mas não como alvo realista da prática ética. (BAUMAN,p.17, 2003)

Conforme já ficou claro, os espaços definem o Sr. José, mas que sentimento o motiva à transgressão? Ora, outro sentimento senão, a angústia e a neurose da morte.

O fato de a morte ser sempre vista como algo exterior a *si* é que o homem se surpreende quando ela se manifesta. Mesmo que todos os indivíduos da espécie humana saibam que irão morrer, o que causa maior espanto não é a tentativa de despojar a morte de seu caráter de necessidade, mas sim o fato de ser inútil lutar contra ela. A morte é vista como uma “impossibilidade” que se transformou em realidade. Essa cegueira para a morte obriga o homem a reaprender o tempo todo. O trabalho excessivo, a vida administrada e competitiva dos grandes centros urbanos faz com que a presença da morte não seja sentida, a não ser quando acontece alguma catástrofe natural, ou ataque terrorista, em que centenas de pessoas são mortas, ou o noticiário local traz como manchetes os inúmeros assassinatos e mortos em acidentes de trânsito entre outros acontecimentos fatais. É por isso que a ociosidade é vista como algo pernicioso, de tempo que se esvai sem sentido, porque ela manifesta a presença da morte à consciência do indivíduo. Mas é preciso ter cuidado, posto que o pensamento constante acerca da morte pode levar à loucura e ao suicídio.

A afirmação da consciência individual sobre a inteligência instintual da espécie humana é a manifestação do medo da morte. Mas também se deve saber que a afirmação da individualidade se manifesta por meio de um desejo de matar as individualidades que entram em conflito com a sua. A afirmação absoluta da própria individualidade provoca a destruição absoluta das outras. Eis o aspecto bárbaro que ao longo da história humana caracteriza a manifestação da individualidade.

2.5 OS RISCOS

Ao término das suas elucubrações, a personagem dirigiu-se para a Escola onde a desconhecida estudara. Encaminhou-se ao bairro onde ficava a

construção e averiguou as possibilidades de invadir sem levantar suspeitas. Tomado pelas dúvidas, ele adentrou ao local, debaixo de uma chuva fragorosa, usando artimanhas de um ladrão profissional.

A escola era um edifício comprido, de dois andares e águas-furtadas, que uma grade alta separava da rua. O espaço intermédio, uma faixa de terreno onde se viam, dispersas, duas árvores de pequeno porte, devia servir para o recreio dos alunos. Não havia nenhuma luz. (SARAMAGO,p. 84, 1997)

Adiantou-se nas investigações usando truques para lá de conhecidos e na semana seguinte, estava ele dando conta de todo o trabalho e com tanta eficiência que nem reclamou das pilhas de arquivos que se acumulavam sobre a mesa. A sua tenacidade perene chamou atenção do chefe, a ponto de ele, sob o olhar surpreso dos demais funcionários, ter perguntado ao auxiliar se estava melhor.

Os outros auxiliares de escrita, os oficiais, e mesmo os subchefes, olharam o Sr. José como se o vissem pela primeira vez, as poucas palavras do chefe tinham feito dele, uma pessoa diferente, mais ou menos o que sucede quando se leva uma criança a baptizar, leva-se uma e traz outra.(SARAMAGO, p.85, 1997)

O que se dá aqui? A personagem conseguiu chamar atenção para si, é fato, e claro, como a exemplo das celebridades, há, envolta de si, uma aura de mistério que causa admiração e desperta interesse nas pessoas. Justo no momento em que ele necessita de mais privacidade e, de um total anonimato, os olhares dos outros colegas de trabalho se voltaram para ele.

Ainda assim, o Sr. José deu o próximo passo na sua investigação, adentrar ao espaço da escola. E ele o fez com uma técnica precisa, como a que só um bom ladrão saberia pôr em prática.

Apoiados portanto os pé no rebordo providencial, fincado os joelhos na aspereza das chapas, o Sr. José pôs-se a cortar a vidraça com o diamante, rente ao caixilho. A seguir, com o lenço, arfando por causa do esforço e da má postura, enxugou como pôde o vidro, a fim de não vir a ser prejudicada, a desejada aderência da banha, ou do que restava dela. [...] Agora teria de calcular com precisão a força da pancada, que não devia ser nem tão fraca que tivesse de repeti-la nem tão forte que pudesse reduzir a nada a aderência dos vidros ao pano. Comprimindo com a mão esquerda, contra o caixilho para que não escorregasse, a parte superior da toalha, O Sr. José cerrou o punho direito, levou o braço atrás e desferiu um golpe seco que felizmente resultou,

surdo, abafado, como o disparo de uma arma munida de silenciador. (SARAMAGO, p.90, 1997)

O narrador descreve a Escola, do mesmo modo como fizera em relação à Conservatória, tendo pensamento sub-reptício o duelo entre a vida e a morte.

Continuou pois a abrir e a fechar portas, olhou para dentro de salas a que a difusa luz exterior dava um ar fantasmático, onde as carteiras dos alunos pareciam túmulos alinhados, onde a mesa do professor era como um sombrio espaço de sacrifício, e o quadro negro o lugar onde se faziam as contas de todos. Viu, suspensos da parede, as marcas que o tempo vai deixando atrás de si na pele dos seres e das coisas.[...] As salas de aula sucediam-se umas às outras, ao longo dos corredores que davam a volta ao colégio, respirava-se por toda parte o cheiro de giz, quase tão antigo como o cheiro dos corpos.(SARAMAGO, p. 96, 1997)

Nesse ponto, a personagem se deteve pensando acerca das dimensões arquitetônicas da Conservatória em comparação a da escola. O cheiro da morte está o tempo todo evolando pelo ar, mas também o da vida, dado que não se pode lembrar de uma, sem pensar na outra. O jogo de luz, sombras e trevas que transpassa a Conservatória é percebido pelo protagonista em seu momento de reflexão.

A Conservatória Geral é diferente, depois, acrescentou, como se precisasse de responder a si próprio, Provavelmente, quanto maior é a diferença, maior será a igualdade, e quanto maior a igualdade, maior a diferença será, naquele momento ainda não sabia até que ponto estava na razão. (SARAMAGO, p.96, 1997)

Outra vez lhe viera o choro à face, de desespero, de loucura, de alguém que busca dar sentido à sua existência por meio de atitudes infantis, justamente em um lugar como o são as escolas, onde para a grande maioria das pessoas um registro do tempo de vida das pessoas se fixa.

Encaminhou-se depois disso à sala do diretor e à secretaria o lugar onde estavam os arquivos que lhe interessavam. Começou a sentir os efeitos de um provável resfriado que a aventura lhe havia trazido, o corpo doía-lhe de todo.

Acomodou-se na cadeira do Diretor para descansar e começou a sonhar. No sonho, estava na presença da mulher desconhecida que fazia o papel de uma atriz de cinema e ele sentado na cadeira do chefe. Quando despertou do sonho, catou as roupas que estavam enxutas e vestiu-se

novamente com a intenção de pôr fim à aventura. Dirigiu-se ao sótão, onde provavelmente estariam guardados os arquivos dos alunos mais antigos.

Deve-se ter em conta que o onírico e o pesadelar estão presentes na narrativa de *Todos os Nomes*, mas não chegam a influenciar de forma definitiva a consecução dos fatos. Os sonhos são sonhos e os pesadelos não são a realidade vivida da personagem, não são mais que questões fisiológicas da personagem. Mas se se leva em consideração a proposta de Sartre de que o homem normal é precisamente o ser fantástico, o fantástico torna-se regra não exceção.

Primeiramente o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor, medo ou horror, ou simplesmente curiosidade-, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar. Em segundo lugar, o fantástico serve à narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite à intriga uma organização particularmente fechada. Finalmente, o fantástico tem uma função à primeira vista tautológica, permite descrever um universo fantástico nem por isto tem qualquer realidade fora da linguagem; a descrição e o descrito não são de natureza diferente. (TODOROV, p.101, 2014)

Ao adentrar ao sótão e procurar pelos guardados, encontrou o que procurava, um verbete com a foto da menina na idade de quinze anos. Não é de inteiro errado, que o leitor, a tal ponto da narrativa, comece a achar que as aventuras do senhor José são um tanto quanto ridículas, pois o próprio narrador chega a essa conclusão, basta lembrar o Sr. José em outro momento da história verteu lágrimas por se ver tão miserável.

O Sr. José está a ser ridículo, mas não se importa, só ele é que sabe a que ponto é absurdo e disparatado o que está a fazer, ninguém poderá ver a arrastar-se por esta escada acima como um lagarto ainda mal acordado da hibernação, agarrado ansiosamente aos degraus, um após o outro, o corpo procurando acompanhar a curva helicoidal que parece nunca mais acabar, os joelhos outra vez martirizados. (SARAMAGO, p. 108, 1997)

As auto-reflexões da personagem mostram que as suas atitudes antiéticas estão em desacordo mesmo com os seus valores. Há momentos em que ele racionaliza as suas ações, para em seguida, crê-se, pôr fim à busca inútil, porém, não é isso que acontece, ele usa a razão como instrumento facilitador de sua busca. Em uma conversa consigo mesmo, ele pensa qual será seu próximo passo.

Raciocinemos, disse, raciocinemos, se os verbetes antigos estão aqui, e tudo indica que sim, não é nada provável que os vá encontrar reunidos aluno por aluno, isto é, que os verbetes de cada aluno estejam todos de modo a que se pudesse seguir num relance toda a sua trajetória escolar, o mais certo é que a secretária, no fim de cada ano letivo, fizesse um atado de todos os verbetes correspondentes a esse ano e os arrumasse aqui, não creio que se dessem sequer ao trabalho de guardá-los em caixas. [...] (SARAMAGO, p.111,1997)

Na cena seguinte, O Sr. José, após ter encontrado sete verbetes da mulher desconhecida, foi encaminhar-se à cozinha, a fim de mitigar a queimação de estômago que sentia, em virtude de ter tomado um remédio para a gripe, sem antes ter posto algo no estômago. Ele entrou na casa de banho, para lavar as mãos e viu-se no espelho.

[...] Não imaginara que pudesse ter a cara naquele estado, sujíssima, sulcada de riscos de suor, Este não pareço eu, pensou, e, provavelmente nunca o havia sido tanto. Quando acabou de comer, subiu ao sótão tão depressa quanto os joelhos lho permitiram. (SARAMAGO, p. 112, 1997)

Na manhã posterior, o Sr. José não se apresentou ao trabalho, estava gripado, acamado com febre. Mas teve forças para ir à Conservatória informar que faltaria. O inusitado da cena foi a sequência metódica de passos dados, pelos funcionários de subordinado a subordinado até chegarem à mesa do Conservador. Quando enfim, a notícia chegou ao chefe, todos se surpreenderam com o desejo de melhoras que ele direccionou ao seu auxiliar.

À noite, direccionou-se novamente ao colégio para obter mais informações. A chuva fazia-se na cidade e ele teve de voltar para casa a pé. Sua imagem era mais uma vez aterradora. Quando adentrou à casa de banho viu-se mais uma vez no espelho e deu razão aos motoristas de táxi que não pararam.

Refeito da aventura e deitado sobre a cama o homem refletia acerca dos fatos. Parece que delirava por conta da febre alta e nas divagações que tinha chegou mesmo a imaginar-se duplicado.

Sr. José não parecia ser o Sr. José, ou eram dois os Srs. Josés que se encontravam deitados na cama, com o cobertor puxado até ao nariz, um Sr. José que perdera o sentido das responsabilidades, outro Sr. José para quem isso se tornara totalmente indiferente. [...] Não roubei nada, não roubei nada, e era verdade que propriamente falando, nada roubara, por mais que o director busque e indague, por mais verificações, contagens e conferências que venha

a realizar, de inventário em punho, descarregando um item após o outro, a sua conclusão acabará por ser a mesma, Roubo, aquilo a que se pode chamar roubo, não houve, sem dúvida, a encarregada da cozinha aparecerá a dizer que falta comida no frigorífico, mas supondo, que esse tenha sido o único delito cometido, roubar para comer, segundo uma opinião mais ou menos generalizada, não é roubo, nisso até o director está concorde, a polícia é que cultiva por princípio uma opinião diferente, mas agora não terá outro remédio que ir-se embora resmungando. (SARAMAGO, p.119-120, 1997)

Os seus sonhos mostram a sua preocupação em não parecer um bandido. Um peso de consciência lhe admoesta. As suas ações começam a serem sopesadas e ele se preocupa em negar para si mesmo os fatos que protagonizou, buscando compreender as suas atitudes com argumentos éticos e morais.

No tempo em que permaneceu acamado, para a surpresa de todos os demais funcionários, o chefe mandou o subchefe verificar como estava a saúde de seu subordinado. Quando o médico chegou à casa do Sr. José, confirmou que ele encontrava-se gripado.

Na noite em que estava recebendo os cuidados do enfermeiro, ele descobriu uma informação importantíssima acerca do trabalho do Conservador, a de que ele, pelo pouco trabalho que possuía cuidava mais em coligir informações sobre a vida de seus subordinados. Tal notícia fez o auxiliar se arrepiar com a ideia de que estaria sendo vigiado pelo seu superior e o enfermeiro ali estava para preencher um relatório sobre a saúde do funcionário e entregar ao Conservador, e desvendar-lhe os segredos. Advertido de que o arrepio notado quando lhe fora revelado que o seu chefe tem investigado a vida de seus subordinados não constaria no relatório o Sr. José sentiu-se aliviado, contaria apenas a injeção na bunda.

Há quanto tempo está você a trabalhar na Conservatória Geral, Vai para vinte e seis anos.[...] É ou não é verdade que os Conservadores têm pouco trabalho, É verdade, toda a agente fala disso, Pois fique então a saber que a ocupação principal deles, nas muitas horas vagas de que gozam, enquanto o pessoal está a trabalhar, é coligir informações sobre os subordinados, toda a espécie de informações, fazem-no desde que a Conservatória existe, um após o outro, desde sempre. (SARAMAGO, p. 133, 1997)

Como trabalha com as palavras o Sr. José soube se sair muito bem do interrogatório proposto pelo enfermeiro, não acrescentando nenhuma informação a mais em virtude dos alçapões e das portas falsas.

Conhecedor do poder das palavras o Sr. José escreve no seu caderno de apontamentos o relato das suas aventuras. Partilhando com o narrador a autoria da narrativa. E mesmo febril, continuou escrevendo noite a dentro.

Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos, segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a perturbações magnéticas, aflições. (SARAMAGO, p.135, 1997)

O próximo passo será a personagem por fim à busca do seu objeto de afeição. Isso por que depois de uma semana acamado, ele voltou à Conservatória para retomar os trabalhos. Mas logo que começou a despachar sentiu-se mal e foi aconselhado por ordem superior, que se retirasse e ficasse em casa por mais dez dias a fim de reaver as forças. Esse mando do Conservador foi mais um dentre os que até aqui se viu que causaram perplexidade por inveja nos outros funcionários.

Coube ao subchefe, ainda contrariado pela iniciativa do seu superior dar a notícia valorosa ao Sr. José, que, como se sabe, iria aproveitar o tempo para limpar a sujeira resultante de sua permanência em casa.

O chefe pensa que o melhor para si seria requerer uma pequena licença de férias, não os vinte dias de uma assentada, claro, mas talvez uns dez dias a repousar, com boa alimentação, descanso, dando pequenos passeios pela cidade, estão aí os jardins, os parques, e o tempo que se pôs de rosas, uma convalescença a sério, enfim, quando voltar nem o vamos reconhecer. O Sr. José olhou espantado o subchefe, na verdade não era conversa que se tivesse com o auxiliar de escrita, havia mesmo algo de indecente nesse discurso. (SARAMAGO, p.143, 1997)

Nada disso correspondia à maneira como a repartição sempre funcionara. Que ordem era essa, de uma bondade suspeita? Estaria o chefe tramando alguma coisa?

Da conversa que tivera com o Conservador, antes mesmo deste emitir tal ordem, o narrador deixa transparecer uma leve mentira da parte do funcionário, a pessoa a qual não está acostumada a chamar atenção e como uma criança que busca de alguma maneira esconder, mesmo quando os adultos todos já

sabem, de sua travessura. Não à toa recebeu da parte do chefe um olhar impenetrável.

Estaria o Conservador esperando justamente um ato de transgressão para fazer funcionar de forma diferente a Conservatória? Os funcionários estavam em polvorosa, pois os anos de convivência propiciaram-lhe conhecer bem com quem estavam lidando.

Não poderiam imaginar em que consistiria essa ideia e qual o seu objectivo, mas a experiência e o conhecimento da pessoa do chefe diziam-lhes que todas as palavras e todos os actos dele, neste lance, tinham fatalmente de apontar a um fim, e que o Sr. José, colocado, por mesmo ou por circunstâncias do acaso, no caminho para lá chegar, de duas uma, ou não passava de um inconsciente instrumento útil, ou era, ele próprio, a sua inesperada e a todos os títulos, surpreendente causa. (SARAMAGO, p.143, 1997)

Na noite do edito do chefe, o auxiliar-de-escrita voltou à Conservatória Geral para chafurdar na escuridão dos arquivos mais uma vez, só que dessa, mais bem preparado pela experiência que lhe dera a ida ao colégio. Pelos atalhos tortuosos do crime, o funcionário adentra ao mundo dos mortos, fazendo uso não do fio de Ariade, mas de um barbante comprado na drogaria, que com os seus cem metros ajudá-lo-á a retornar pelo labirinto escuro.

Põe-se à busca e pelo caminho ficava pensando acerca da irresponsabilidade dos outros colegas e, de que talvez sua estada no colégio, por todas as circunstâncias em que esteve adstrita, pareceria um passeio comparado ao que lhe aguardava essa nova visita ao cemitério de papeis. Supôs que o melhor seria começar sua aventura pelo espaço fundeiro, como já mostrado anteriormente, o local mais certo onde estaria o verbete.

Como funcionário vindo doutro tempo, educado segundo os métodos e as disciplinas de antanho ao carácter estrito do Sr. José repugnaria pactuar com a irresponsabilidade das novas gerações, principiando a busca no local onde só por uma deliberada e escandalosa infracção às regras arquivísticas básicas um morto poderia ter sido deposto. (SARAMAGO, p.168, 1997)

Quando, enfim, chegou à parede do fundo da Conservatória, estava já imerso em um cenário digno de um filme de terror, uma verdadeira catacumba repleta de teias de aranha e traças. Vasculhou ainda mais pelos arquivos e recolheu alguns do chão, outros mais e pões-se a caminhar de volta em meio às trevas e aos pensamentos.

O narrador compara a cena a um parto, em que o barbante torna-se o cordão umbilical que o fará sair da ignorância da luz. Ao passo que chegou ao fim de sua aventura, que renasceu, metaforicamente falando, ao abrir os arquivos que havia resgatado do anonimato, percebeu que estava em suas mãos aquele, para o qual devotara a sua saúde nos últimos tempos. E nem se deu conta de ouvir o barulho da porta da Conservatória se fechar nesse exato momento, tamanha era a sua comoção.

No capítulo seguinte, acontece o reencontro do Sr. José com a Senhora do rés-do-chão direito. Ele se dá logo depois que o auxiliar descobre passando de ônibus pela frente da Conservatória a ida do Conservador ao local, fora do horário de trabalho.

O reencontro com a mulher lhe trouxe sensações novas e o fez refletir acerca das mentiras que contara até ali para conseguir descobrir o paradeiro da mulher que procurava. A conversa entre os dois estendeu-se por longos minutos. Ele ali estava para dar a ela a triste notícia de que sua afilhada havia morrido, mas a coragem lhe faltava, obteve a informação que duas semanas atrás as duas haviam se falado por telefone e que aquela poderia significar uma reaproximação. Mas o funcionário lá estava para dar a ela a triste notícia e o fez num jorro.

A sua afilhada, digo que a sua afilhada faleceu, Como sabe perguntou a mulher sem refletir, Para isso está lá a Conservatória, disse o Sr. José e encolheu de leve os ombros, como se acrescentasse, A culpa não foi minha. (SARAMAGO, p.193, 1997)

A conversa misturou-se às lágrimas e à confissão de que ele sempre esteve a mentir para ela. Coube-lhe revelar que colecionava pessoas famosas e que o verbete de cuja dona estava a procurar notícias havia lhe caído nas mãos por acaso. Essa etapa do romance, o autor utiliza-se dos apontamentos feitos pelo auxiliar em seu caderno, uma mistura de discurso direto com discurso indireto.

[...] Madrugada já, decorridas tantas horas, enquanto acabo de passar ao caderno os acontecimentos deste dia, olho a minha mão direita e encontro-a diferente, embora não seja capaz de dizer em que consiste a diferença, deve ser coisa de dentro não de fora. (SARAMAGO, p.201, 1997)

Convém lembrar o pensamento de Blanchot, usado por Foucault e lembrado por Machado (p.68, 2000), outro senão o de “escrever para não morrer”. Nessa máxima a morte é o limite que possibilita uma linguagem infinita, em que se reflete um jogo de espelho ilimitado e que se constitui como reduplicação.

Na manhã posterior, o chefe havia marcado uma reunião com os seus funcionários para informá-los que dali em diante a tradição na Conservatória de separar os mortos dos vivos era ideia vetusta e que precisava ser reparada para que o trabalho que eles desempenhavam acontecesse com maior eficiência. Todos ficaram surpresos com o arranjo proposto. E a suspeita do subchefe, quando estava cuidando da saúde do Sr. José, de que algo estava por trás daquelas ações, concretizou-se.

O próximo passo na busca engendrada pelo auxiliar era descobrir em qual túmulo fora enterrada a mulher. Então, dirigiu-se ao Cemitério Geral *Todos os Nomes* e lá encontrou uma situação bastante insólita.

2.6 O CEMITÉRIO

O narrador apresenta o Cemitério como tendo uma fachada igual à fachada da Conservatória e as mesmas reformas necessárias, pondo abaixo paredes e construindo novas, a fim de arranjar espaço para colocação de novas sepulturas.

Da mesma maneira que a Conservatória Gerald o Registro Civil, ainda que a correspondente informação, por deplorável, esquecimento não tenha sido dada na altura própria a divisa não escrita deste Cemitério Geral é *Todos os Nomes*, embora deva reconhecer-se que, na realidade, à Conservatória é que estas três palavras assentam como uma luva, porquanto é nela que *Todos os Nomes* efectivamente se encontram, tanto o dos mortos como os dos vivos, ao passo que o Cemitério, pela sua própria natureza de último destino e último depósito, terá de contentar-se sempre com os nomes dos finados. (SARAMAGO, p.218, 1997)

O espaço do Cemitério é pois descrito e possui o arranjo burocrático necessário para que os despachos sejam feitos de modo eficiente. Enquanto na Conservatória há o Conservador, no Cemitério há o Curador, os auxiliares-de-escrita, os oficiais e os sub-curados que equivalem aos sub-chefes. Lá

estava o Sr. José a entregar o verbete da mulher a fim de saber-lhe o paradeiro. Ao verificar os arquivos do Cemitério e ter encontrado o registro da morta, o homem foi entregar ao Sr. José a informação de que a mesma encontrava-se na divisão dos suicidas.

Quando o suicídio se manifesta, não apenas a sociedade foi incapaz de expulsar a morte, não apenas ela foi incapaz de dar ao indivíduo o gosto da vida, mas também foi vencida, negada; ela não pode fazer mais nada nem a favor nem contra a morte do homem. (MORIN, p.49, 1997)

O suicídio é, desse modo, a manifestação da decadência da espécie, ele não apenas exprime a solidão absoluta do indivíduo, cujo triunfo coincide com o da morte, mas mostra que o indivíduo pode, em sua autodeterminação, chegar a anular friamente seu instinto de conservação, e anula assim sua vida, que recebe da espécie. Para com isso, provar a si mesmo a impalpável realidade de sua onipotência.

Apesar do soco no estômago que a notícia lhe havia causado, o auxiliar enveredou pelas alamedas do Cemitério, passara por tempos, épocas, dinastias, repúblicas, impérios, por infinitas mortes, para enfim, descansar sob o resguardo de uma árvore na noite que fazia.

Acabou por dormir e a manhã seguinte trouxe-se-lhe a companhia do Pastor-de-Ovelhas, que ao ver o auxiliar ali deitado, ficou na dúvida se se tratava mesmo de gente viva. Os dois iniciaram a conversa sobre a vida e sobre a morte. Como não se vive sem contar mentiras, o Sr. José descobriu que o homem responsável por zelar pelo Cemitério cometia abusos, trocando as placas de identificação dos mortos nas lápides. De modo que, aquela sepultura a qual o auxiliar acabará de encontrar, não pertencia à morta.

Indignado com o fato, o Sr. José protestou e disse que iria denunciar o Pastor, o qual redarguiu com uma máxima de que se o fizesse, enorme seria o trabalho de exumar os corpos e colocar-lhes a identificação correta, afinal, como ele mesmo remata, é possível não se vê a mentira mesmo quando ela se encontra diante dos próprios olhos. E muitos do que ali estavam não passavam de pó.

Diante da ideia de tão heráldico trabalho, o Sr. José calou-se e despediu-se do pastor.

Um dia depois acordara sobressaltado com o sonho que trazia imagens relativas à sua estada no Cemitério Geral. Recomposto mais uma vez das suas aventuras começou a questionar-se e em uma conversa com o Tecto, resolveu ir bater na casa do ex-marido e dos pais da mulher desconhecida.

Para que a sua investigação terminasse bem, precisava mais uma vez de uma credencial. Pôs em prática os artifícios já há muito conhecidos até aqui e mais uma vez falsificou um documento oficial, com ele conseguiu adentrar à casa dos pais da morta e obter da mãe dela uma chave, outra senão, a do apartamento onde ela residira e onde ele achava que poderia estar escondido algum diário que lhe revelasse maiores detalhes da personalidade da professora de matemática.

As aventuras desse extraordinário final de semana já encontravam-se registradas no seu caderno de apontamento, a ponto de na segunda-feira, tamanha a ansiedade ter faltado ao serviço. Havia dois lugares a ir, o colégio onde ela trabalhara e o apartamento. Disposto a deixar o mais importante para depois, foi ao colégio obter maiores informações acerca da professora que se suicidara. O caso para ele havia chegado ao fim, pensava, entretanto, no que faria depois dali e se voltaria à sua coleção de pessoas famosas.

Do encontro com o Diretor da escola as informações de praxe, boa funcionária, alguns amigos, boa pessoa, enfim, poder-se-ia dizer que a conversa não lhe acrescentou dados mais relevantes, a não ser, é claro, o verbete que o diretor mandou que a secretaria o trouxesse, com uma fotografia mais recente da mulher. Despediu-se do diretor e foi à casa da agora, “conhecida”.

Segundo Bakhtin (p.97, 2003) somente depois do enterro e da construção do momento tumular é que vem a memória, uma vez que a vida do *Outro* está agora toda fora de mim e é aí que começa a construção estetizante de sua personalidade, sua consolidação e seu acabamento esteticamente significativa.

A construção estética definitiva do objeto procurado pelo protagonista chega ao fim, cumpre-se dizer que ao vasculhar pelas coisas da sua amada sentiu que delas evolavam o mesmo cheiro que perpassa a Conservatória, metade rosa, metade crisântemo, cheiro de ausência, afinal, nada no mundo faz sentido mesmo.

Abandonou o lugar e foi visitar a Senhora do rés-do-chão direito, porém quando lá chegou, soube que ela estava internada em um hospital. Pegou um táxi e voltou para casa, quando abriu a porta e entrou em casa, viu que o Conservador lhe havia descoberto as mentiras. As suspeitas do sub-chefe se concretizaram e mesmo as do Sr. José, ao ver o chefe adentrar à Conservatória fora do expediente normal.

O Conservador já havia visto as credenciais falsas, lido o caderno de apontamentos, a coleção de gente famosa. O Sr. José fora descoberto. Esperando pela punição que lhe seria certa, ele apresentaria a sua demissão no dia seguinte, mas foi interpelado pelo Chefe.

Amanhã apresentarei minha demissão, Que eu não aceitarei, O Sr. José olhou o surpreendido[...] Sabe qual é a conclusão lógica de tudo o que aconteceu até esse momento, Não senhor, Fazer para esta mulher um verbete novo[...] E depois colocá-lo no ficheiro dos vivos, como se ela não tivesse morrido, Seria uma fraude, Sim, seria uma fraude, mas nada do que temos feito e dito, o senhor e eu, teria sentido se não a cometêssemos. (SARAMAGO, p. 277-278, 1997)

Por fim, o chefe ordena que refaça o verbete da mulher desconhecida e vá pegar a certidão de óbito que se encontra nas catacumbas da Conservatória, perdida pelo chão, ele o faz, ata o fio de Ariadne no tornozelo, pega a lanterna e envereda pelos arquivos gerais.

O Sr. José é um transgressor e se pôde verificar até aqui, descumprindo as regras e o dever que lhe é exigido por ser um funcionário público. Esse comportamento de quebrar as regras faz dele um indivíduo, os interesses pessoais sobrepujaram os interesses públicos. Sabe-se que a formação da individualidade requer que o sujeito atue de forma a expressar aquilo que ele é, mas dentro de um condicionamento social.

2.7 A TRANSGRESSÃO

O indivíduo pós-moderno é então um sujeito motivado pela busca de sua felicidade e a transgressão significa um encontro com ela.

[...] A transgressão é uma experiência que leva o limite ao extremo, ao máximo que se pode, afirmando o ser limitado, sem estabelecer oposições de valor, sem separar em termos de negativo e positivo. (MACHADO, p.65, 2000)

A transgressão da personagem em relação aos valores éticos e morais estabelecidos pela tradição remete à ideia de pureza.

A pureza está subordinada a uma visão estética do mundo. Quando o chefe conclui que o melhor a ser feito é buscar unir vivos e mortos, depois o belo relato do Sr. José sobre suas aventuras e de agora em diante condicionar a estrutura burocrática da Conservatória a uma outra linguagem.

A contraparte ao ideal de pureza é a sujeira, a bagunça, a desorganização, como se verificou essa condição própria dos arquivos da Conservatória, a única organização inalienável que se via de fato, ficava por conta da divisão de trabalho que a fazia funcionar, a parte da frente onde os funcionários ficavam.

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares *diferentes* dos que elas ocuparam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da *ordem* – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu juto lugar e em nenhum outro. (BAUMAN, p.14, 1998)

É impossível não associar a pureza à ordem, qualquer coisa que esteja fora do lugar causa incômodo, qualquer situação que ponha em perigo o silêncio, a estrutura, deve ser posto para fora, limpo, segregado. Não se pode dizer que as características específicas das coisas é que as fazem “sujas”, mas a sua lcalização na ordem posta.

Em termos de objetos pode-se muito bem restituí-lo ao local certo, ou ao local a ele reservado, mas quando essas coisas desagradáveis são pessoas, o que fazer, envenenar, demitir, explodir, matar, são as soluções mais correntes engendradas por aqueles que se acham ou são detentores de algum poder. Essas pessoas livres controlam suas próprias vidas, não se importante nada com as regras e imposições sociais que gostariam de vê-las fora do seu campo de visão. Nesse instante é que se mostram frágeis as tais acomodações.

Ordem significa um meio regular e estável para os nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita- de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis. (BAUMAN, p.15, 1998)

Aprender é uma das capacidades humanas e ela, à medida que a raça humana se desenvolveu, precisou da organização como forma importante de preservar a memória. A ação de varrer os estranho e manter a sujeira longe é uma forma adaptativa da espécie de tornar as coisas mais sensatas.

O problema dessas questões é quando a sujeira é uma pessoa, um grupo de seres humanos, uma minoria étnica ou social. É preciso que haja um acordo tácito entre todos os indivíduos dentro de uma comunidade que se comprometam a se comportar conforme a tradição manda. O pré-concebido ou estabelecimento é uma forma de conseguir encontrar de modo muito mais rápido tudo aquilo de que se procura sem correr o risco de surpresas.

O medo e o risco são sub-reptícios a isso tudo, é provável que sejam a raiz antropológica de toda segregação. É preciso haver da parte do outro com quem me relaciono uma reciprocidade, uma aceitação dos limites pré-estabelecidos e uma execução de ações voltadas ao bem comum.

A preocupação com os estranhos assumiu importância no momento em que se desenvolveu um cuidado diário maior com a pureza.

Cada ordem tem suas próprias desordens; cada modelo de pureza tem sua própria sujeira que precisa ser varrida. Mas, numa ordem durável e resistente, que se reserve o futuro e envolva ainda. Entre outros pré-requisitos, a proibição da mudança, até a ocupação de limpeza e varredura são parte da ordem. [...] O cuidado com a pureza concentra-se não tanto no combate à “sujeira primária” quanto na luta contra a “metassujeira” – contra afrouxar ou negligenciar totalmente o esforço de manter as coisas como são. (BAUMAN , p.20,1998)

Os valores atuais travaram uma guerra contra a tradição, mas as ondas de “no passado as coisas eram melhores” aparecem como forma dos homens pós-modernos de se manterem fieis à incerteza da vida, à desordem do mundo. A aventura é muito mais atraente do que qualquer compromisso. E isso não quer dizer o fim do estranho em uma época onde o discurso da tolerância com as diferenças é mais freqüente, a sujeira está associada à participação no mercado de consumo.

Os estranhos são aqueles indivíduos que não se encaixam em algum contexto moral, estético ou cognitivo do mundo.

2.8 O INUSITADO COMUM A TODOS

O diálogo entre o Teto e o Sr. José acontece diversas vezes na narrativa e eles são decisivos nas ações que a personagem empreende. O juízo de valor, as cobranças à manutenção da ordem, todo um empenho moral é feito pelo Teto para buscar esclarecer a personagem das conseqüências de suas ações, o Teto funcionaria como seu *Superego*.

Para Edgar Morin (p.74, 1997) na maioria das participações em que o indivíduo não fica cego, mas corre o risco, pode-se perceber a tripla exaltação do Ego, do Id e do Superego. De fato, a busca pelo risco, da aventura pela aventura, do combate pelo combate, do jogo pelo jogo, do êxtase, em que se negligenciam as mais elementares precauções de salvaguarda, tem uma significação intensa, na qual o Eu da exaltação biológica coincide com um Superego. A vida perigosa também é uma moral, nessa participação na vida perigosa a individualidade não se dissolve, mas adere, se identifica com forças, com realidades que a exaltam; o Ego, por assim dizer, fica de sanduíche entre o élan conjugado do Eu e do Superego. Por conseguinte o risco de morte pelos “valores” provoca muitas vezes a vida intensa”, isto é, a exaltação do Eu, que se vai conjugar à do Ego, na defesa e ilustração do Superego. Viveu “bem” aquele que vai morrer “bem”.

Deve-se levar em consideração que o acontecimento estranho e sobrenatural é percebido sobre um fundo considerado normal e natural, o irracional faz parte do jogo.

O ambiente da Conservatória, as aventuras do Sr. José, a própria condição da personagem deixam claro ao leitor que o universo habitado e relatado pela personagem na execução de sua investigação, possui algo de irracional, que o Sr. José é guiado pelo dionisíaco.

[...] Limite e transgressão formam um conjunto, são interdependentes, complementares. São opostos, são inconciliáveis, se contradizem, mas nem a transgressão nega definitivamente, suprime, destrói o limite, nem o movimento que há no homem para transgredir, exceder, ultrapassar os limites pode ser totalmente abolido.[...] É o mundo das transgressões, da violação, do excesso, da violência que excede sem destruir o mundo profano, invertendo seus valores. A transgressão organiza a continuidade, a fusão, nascida da violência. (MACHADO, p.59- 60, 2000)

A punição ao Sr. José não veio como se esperava e como ele mesmo achava que iria acontecer, no momento em que o chefe descortinou a sua aventura. A sua desmesura, o seu descomedimento acabaram sendo de fundamental importância para o surgimento de uma nova ordem na Conservatória.

Essa relação entre o Sr. José e o Conservador e as demais personagens serão compreendidas melhor quando se falar com mais acuidade no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – FAMA, ALTERIDADE E A ÉTICA DO CARINHO

“Senhor doutor, trate-me aquele homem como se estivesse a tratar a mim, é importante.”

José Saramago

“Sugiro que a novidade da abordagem pós-moderna da ética consiste primeiro, e acima de tudo, não no abandono de conceitos morais caracteristicamente modernos, mas na rejeição de maneiras tipicamente modernas de tratar seus problemas morais (ou seja, respondendo a desafios morais com regulamentação normativa coercitiva na prática política, e com a busca filosófica de absolutos, universais e fundamentações na teoria). Os grandes temas da ética - como direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e auto-afirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo — não perderam nada de sua atualidade. Apenas precisam ser vistos e tratados de maneira nova.”

Zygmunt Bauman

As venerandas leis deontológicas da Conservatória foram rompidas pela transgressão do Sr. José. Ao longo desse percurso de interpretação dos fatos narrados, muitos sentimentos podem tomar o leitor e levá-lo a defender ou a demonizar o protagonista. O leitor se espelha e contempla a sua própria finitude, uma vez que é a certeza da morte, que mobiliza o protagonista e faz com que ele estabeleça uma religação com as demais personagens do romance, tirando-o da solidão absoluta e pondo-o em contato com uma nova identidade possível à sua individualidade.

As reflexões acerca da maneira como o homem se comporta no mundo sempre estará determinada pela sua atitude perante a morte. Desde a pré-história até os dias atuais, essa relação sempre foi traumática. Embora dentro da Conservatória os arquivos dos vivos sejam muito mais organizados, valorizados, e os dos mortos sejam merecedores de desatenção, são esses que possuem maior simbolismo, visto que é contra a morte que todos lutam.

Como se viu, a coleção do Sr. José é composta de uma centena de famosos, cujas informações faltantes às suas biografias, ele preenche com as que estão na Conservatória. O velho adágio popular já diz que, se se quiser

conhecer uma pessoa, dê a ela “poder”; e foi assim, “embriagado de poder” que o auxiliar de escrita mostrou-se quando se sentou na cadeira do Diretor do colégio e na cadeira do Conservador.

A solidão inquestionável do auxiliar-de-escrita poderia tê-lo levado ao suicídio, extremismo que pode também significar uma última tentativa de ligação à comunidade, uma vez que se a pessoa deixar de existir, a exclusão acaba, a discórdia, o deboche, o desinteresse; e a sociedade na qual ela está mergulhada passa a funcionar como querem os outros indivíduos que a ela pertencem: desaparece a impureza.

A transgressão do Sr. José mostrou que o ambiente da Conservatória poderia funcionar de outra maneira, e esta é a pergunta que está presente em todos os romances de José Saramago, é a sua pedagogia, é a sua ética humanista: Por que não fazer as coisas funcionarem de modo mais humano? Por meio de suas histórias, o autor português faz o seu “chamamento à solidariedade”, bastante explícito em Ensaio sobre a Cegueira, que evidenciou também o quanto os seres humanos se deixam influenciar por ideias ruins e por maus indivíduos, quando poderiam simplesmente se amar.

Como a exemplo de outros romances, *Todos os Nomes*, apresenta questões morais e éticas. Deve-se entender por Teoria Moral: a Ética, e por Moral, a conduta e os atos praticados pelo indivíduo.

A moral prescinde a ética e não são os princípios morais que surgem primeiro e depois os indivíduos pertencentes à determinada tribo ou comunidade que vão se adequando às normas, é justamente o contrário, a comunidade existe primeiro e ao longo da sua existência os indivíduos que dela participam estabelecem normas e leis que passam a nortear e evidenciar as atitudes que a tal comunidade considera mais adequada para sua sobrevivência, um exemplo trivial na narrativa é o “Cumpra-se” que o Conservador baixa, afirmando de que se economize papel.

A coleção de pessoas famosas do Sr. José é que possibilita a ele dar vazão à sua angustiante existência. Que símbolos carregam esses ídolos que fazem com a personagem se interesse por elas? Convém lembrar os fãs que fazem loucuras para obter um minuto de atenção, um simples sorriso, um gesto, um cumprimento das celebridades por eles reverenciadas. A celebridade

é assim, um objeto, que precisa ser possuído e cuja personalidade e existência torna a identidade do admirador também apreciável.

A sociedade capitalista neoliberal possui inúmeros mecanismos de ascensão social, mas tornar-se célebre não significa ascender socialmente. Significa tão necessariamente expor uma personalidade admirável. Em uma época de facilidade tecnológica isso é algo bastante facilitado. Não obstante a essa discussão chega-se à ideia de valor.

Falar de moral é falar de valor. Qual a natureza do valor? Em princípio, quando se imanta objetos e pessoas com sentimentos positivos e negativos, atribuindo-lhe propriedades estéticas, tem-se um valor não *em si*, mas *para* o homem.

Segundo Todorov (p.26, 2003) o dinheiro, como todos sabem, traz tudo: Com o dinheiro, os homens adquirem todas as coisas temporais de que precisam e que desejam, como honra, nobreza, bens, família, luxo, roupas finas, comidas delicadas, o prazer dos vícios, a vingança sobre os inimigos, a grande estima por sua pessoa [...] O desejo de enriquecer não é, evidentemente, novo; a paixão pelo ouro nada tem de especificamente moderno. O que é um tanto moderno é a subordinação de todos os outros valores a esse.

O Sr. José não conquistou fama e nem dinheiro com as suas ações, tornou-se notável e visto pelo grupo de funcionários e colegas da Conservatória, passou a ter existência, uma alma, uma vez que as transformações ocasionadas por suas buscas causaram impacto no seu meio social.

O narrador descreve uma percepção bastante elucidativa da fama e das razões que levam uma pessoa a se tornar célebre.

A este modo de entender o caráter relativo da fama não assentaria mal, cremos, o qualificativo de dinâmico, posto que a coleção do Sr. José, necessariamente dividida em duas partes, isto é, de um lado os cem mais famosos, do outro, os que não conseguiram tanto, está em constante movimento naquela área a que convencionamos chamar de fronteira. A fama, ai de nós, é um ar que tanto vem como vai, é um cata-vento que tanto gira para o norte como ao sul, e tal como sucede passar uma pessoa do anonimato à celebridade sem perceber porquê, também não é raro que depois de ter andado a espanejar-se à calorosa aura pública acabe sem saber como se chama. Aplicadas estas tristes verdades à coleção do Sr. José, compreende-se que também nela haja gloriosas subidas e dramáticas descidas, um que saiu

do grupo de suplentes e entrou no grupo dos efetivos, outro que já não cabia na garrafa e teve de ser deitado fora. A coleção do Sr. José parece-se muito com a vida. (SARAMAGO, p.30, 1997)

O endeusamento de pessoas famosas, ou mesmo a idolatria que se encontra disseminada na sociedade contemporânea possui um componente simbólico (ou semiótico) de fundamental importância. O valor também varia de sociedade para sociedade. A utilidade de determinado objeto só pode se dar por meio do convívio social, exemplo disso é a visão que os índios tinham de seus ídolos.

Quarenta dias antes da festa, um índio era vestido como ídolo, com os mesmos adereços, de modo que aquele escravo índio vivo representasse o ídolo. Após ter sido purificado, era honrado, e celebrado, durante quarenta dias como se fosse o próprio ídolo. [...] Depois de os deuses serem sacrificados, eram todos esfolados, [...] traziam o corpo morto novamente para baixo e fendiam-no da nuca até os calcanhares, esfolando-o como um cordeiro. A pele saía inteira [...] Os outros índios vestiam imediatamente as peles e em seguida adotavam o nome dos deuses representados. Por sobre as peles traziam os adereços e as insígnias das mesmas divindades, cada homem recebia o nome do deus que representava e se considerava divino. (TODOROV, p.230, 2003)

Essa aura divina que possuem as celebridades no mundo pós-moderno funciona como uma forma de transcendência, a única possível diante do fato de que *Deus está morto*.

Os valores do homem contemporâneo estão assentados no consumo em massa de bens e informações. Associar a sua imagem pessoal a um símbolo de poder que seja reconhecido por todas as pessoas confere personalidade e reforça a identidade individual e grupal. Toda pessoa para constituir sua identidade a faz por meio do seu gosto. Ostentar, ornar-se com determinados objetos, ir a determinados lugares, freqüentar espaços e fazer parte de um grupo em rede social confere prestígio.

Dessa forma, viu-se nos capítulos anteriores que pelo fato de o Sr. José viver relações humanas fragmentadas, ela o direcionaram para que tomasse atitudes facilmente identificadas, a primeiro olhar, como absurdas. Da relação com as demais personagens do romance obtém-se um estudo da alteridade e ele começa pelo encontro do Sr. José com a Senhora do rés-do-chão direito.

3.1 O ESTRANHO CONHECIDO: A QUESTÃO DO OUTRO

Muitas são as implicações que podem resultar do encontro entre dois indivíduos que nunca se viram anteriormente, o encontro pode resultar em simpatia mútua ou em antipatia. Quando se fala em alteridade se deve levar em consideração as dicotomias desigualdade/igualdade e diferença/identidade.

A dicotomia diferença/identidade requer uma análise baseando-se na teoria do sujeito, avaliando o seu lugar discursivo e portanto a sua enunciação. Deve-se levar em conta que identidade é definida como mesmidade e não como ipseidade, termo que deve ser definido como algo relativo a algum aspecto do sujeito, sua forma de ser no mundo.

Os inúmeros predicados lançados aos sujeitos da narrativa de *Todos os Nomes* determinam em primeiro momento a noção de pessoa e, desse modo, a desigualdade pode virar diferença e a igualdade pode se transformar em identidade. Sabe-se que a pedra de toque da alteridade não é o *tu* presente e próximo, mas o *ele* ausente ou afastado.

Algumas perguntas surgem nesse primeiro momento e que devem ser respondidas no decorrer dessa exposição, são elas: Qual personagem, na narrativa de *Todos os Nomes* desempenha o papel do “ele” da alteridade? E qual o lugar ocupado pela ausência na narrativa?

Para nortear esse caminho deve-se compreender que qualquer pesquisa sobre alteridade é necessariamente semiótica, consequência da relação com o outro.

Para responder a primeira pergunta, deve-se compreender o *Ele* como um Outro que pra mim é “estranho”, “desconhecido”, “não pertencente à minha cultura”. Em *Todos os Nomes*, o protagonista só se torna conhecido pelo leitor, em definitivo, quando esse finaliza o romance. Mas ao longo da história, o Sr. José vai encontrando inúmeras personagens para as quais as diferenças e as semelhanças se misturam em um fluxo que vai do estranhamento inicial e desinteresse à compreensão definitiva.

Nas mãos, o protagonista tem uma credencial, um símbolo que lhe confere poder, documento que o põe em posição de superioridade às demais

personagens, com os quais, a primeiro momento, ele estabelecerá uma relação meramente burocrática: é o auxiliar-inquisidor e os inquiridos.

A personagem que o auxiliar espicaça inicialmente é a Senhora do rés-do-chão direito. Postos um em frente ao outro, inúmeras surpresas e desconfianças que já foram mostradas anteriormente advieram, “A mulher olhou-o como se o estudasse”. (SARAMAGO, p.64, 1997).

Se é incontestável que o preconceito da superioridade é um obstáculo na via do conhecimento, é necessário também admitir que o preconceito da igualdade é um obstáculo ainda maior, pois consiste em identificar, pura e simplesmente, o outro a seu próprio ideal de eu.(TODOROV, p.240, 2003)

A desconfiança encaminhou-se para uma abertura significativa a ponto dela ter revelado ao auxiliar que mantivera uma relação extraconjugal com o pai da mulher que ele procurava. Ao cabo de algum tempo de conversa, era ele quem estava revelando os seus segredos, como se impellido por uma obrigação, “Já reparou que está a responder perguntas, Sim, mas agora não me importa, se calhar é assim que se aprende.” (SARAMAGO, p.63, 1997).

O diálogo, como se sabe, é a melhor maneira de vencer as diferenças. Com o Outro se aprende.

De pergunta em pergunta, a sua farsa ia sendo descoberta. Quando ele pegou das mãos da mulher um álbum de fotografias, no qual continha o retrato da afilhada dela, o funcionário pranteou, “Coração sensível, o Sr. José sentiu arrasarem-se as lágrimas os seus próprios olhos. Não parece um funcionário dessa Conservatória, disse a mulher, é a única coisa que sou, disse ele, Quer uma chávena de café, Viria bem.” (SARAMAGO, p.66,1997).

O diálogo se prolongou pela noite e teve continuidade em outro momento, quando o Sr. José descobriu o falecimento da mulher desconhecida e voltou à casa da Senhora para informar-lhe, “A sua afilhada, digo que a sua afilhada faleceu.” (SARAMAGO, p.193, 1997), essa revelação fez com que a Senhora chorasse e se retirasse para o quarto, após voltar ela retoma conversa com o homem e o desmascara.

Temos aqui estado, o senhor e eu, no outro dia e hoje, um que desde o princípio sempre disse a verdade, outro que desde o princípio sempre esteve a mentir, Reconheça que em todos os momentos lhe falei franco e claro,

abertamente, que nunca lhe pôde passar pela cabeça que houvesse uma só mentira nas minhas palavras, Reconheço, reconheço, Então, se há nesta sala um mentiroso, e tenho certeza de que não o há esse não serei eu, Não sou mentiroso, Acredito que não por natureza, mas vinha a mentir quando entrou aqui pela primeira vez, e desde então tem mentido sempre.(SARAMAGO, p.194,1997)

Uma vez colocado na parede, o Sr. José não vê alternativa se não a de revelar os motivos que o fizeram dar início à sua busca. Caso houvesse a necessidade de empregar um adágio popular que definisse o seu encontro com a senhora do rés-do-chão, o mais adequado seria, “boi preto reconhece boi preto.” Ela o percebeu falsário por que à semelhança dele, ela também enganou a outros no seu papel de amante.

Para Paul Ricoeur (p.214, 2014) A semelhança é fruto do intercâmbio entre estima a si e solicitude para com outrem. Esse intercâmbio entre o “tu também” e o “como eu mesmo” dão vazão a todos os sentimentos éticos, uma vez que “tu” também és capaz de hierarquizar tuas preferências, de avaliar os objetivos de tua ação, e, ao fazeres isso, és capaz de estimar-te a ti mesmo assim como eu me estimo.

O reconhecimento das semelhanças fez com que a Senhora do rés-do-chão direito pedisse ao Sr. José que lhe continuasse fazendo visitas. E o diálogo transcende a indiferença e se direciona à amizade, que pressupõe que exista uma igualdade entre as partes, assim como uma referida superioridade da autoridade do outro sobre si, precisa ser reconhecida, e a igualdade só é restabelecida pela confissão da fragilidade existente, e em último caso, o reconhecimento da mortalidade.

Beijei-lhe a mão como da primeira vez, mas então aconteceu algo que eu não esperava, ela manteve a minha mão agarrada e levou-as aos lábios. Nunca na minha vida uma mulher tinha feito isto, senti-o como um choque na alma, um estremecimento do coração, e ainda agora, madrugada já, decorridas tantas horas, enquanto acabo de passar ao caderno os acontecimentos do dia, olho a minha mão direita e encontro-a diferente, embora não seja capaz de dizer em que consiste a diferença, deve ser coisa de dentro não de fora. (SARAMAGO, p.201,1997)

Os afetos na solicitude, que o padecimento do outro, tanto quanto a injunção moral do outro são sentimentos dirigidos a outrem; essa visão de conjunto de todo o leque das atitudes que se estendem entre os dois extremos

da convocação à responsabilidade, em que a iniciativa provém do outro, e da simpatia pelo outro padecente, ou que a iniciativa provém do que si ama, e a amizade se mostra como um ambiente no qual o si e o outro compartilham o mesmo desejo de conviver.

Conforme enuncia Bauman (p.110,1997), o amor erótico é o relacionamento com a alteridade, com o mistério, com o futuro, com o que neste mundo, em que tudo existe, nunca existe. Pode-se argumentar, que a ética pré-ontológica de Lévinas não se podia fundar nas faculdades do ver e do ouvir, mas unicamente no sentido do tato, naquela pura aproximação, naquele estar-perto do ser. O carinho e o assalto físico (reafirmação da alteridade, e invasão da privacidade do corpo) são *ambos* exemplos de tato. O carinho é o gesto de corpo dirigindo-se a um outro e o alcançando; já, desde o começo, em sua "estrutura" interna, um ato de *invasão*, ainda que seja apenas tentativo e exploratório. Ser convidado ou bemvindo não é sua condição necessária. Nem o é sua reciprocidade e mutualidade. Mas essa "multifinalidade" do resultado, essa possibilidade de ramificar-se em apropriação e violência - não são falha nem *accidens* do carinho, mas seu *atributo*, seu traço constitutivo; é, afinal, o que separa o *tocar* do ver e do ouvir e é essa a razão pela qual se pode construir a "ética do amor" sobre a faculdade do tato, mas não sobre as do ver e do ouvir.

Da surpresa inicial ao perceber que a mulher do rés-do-chão não era tão velha como imaginou, ao último ato desse encontro, o senhor José percebia-se diferente. Tinha enfim encontrado alguém que lhe pudesse fazer companhia e preencher a sua inalienável solidão, estava ele, diante dessa mulher de carne osso aberto ao conhecimento.

3.2 A RELAÇÃO ENTRE O Sr. JOSÉ E O CONSERVADOR

Ao longo da narrativa, inúmeros adjetivos são usados para definir o comportamento e a personalidade do Sr. José (SARAMAGO, p.57,1997): pacífico, cordato de costumes, funcionário competente, metódico, dedicado, mas após iniciar as suas buscas o Sr. José torna-se relapso e começa a ser objeto de avisos severos.

As qualificações a ele atribuídas devem ser analisadas tendo-se como parâmetro a Conservatória, uma vez que é o trabalho por ele desempenhado que faz com que receba esses adjetivos, mas é sua vida pessoal que faz com que o Conservador se interesse pelo “ser” por trás do crachá.

O crachá o define, esse é o seu lugar, e o seu papel de funcionário deve ser cumprido com afinco; função ele desempenha bem até o momento em que encontra o verbete da mulher desconhecida.

Quando cai na cama, admoestado por uma gripe, a sua imagem tanto pessoal quanto a de funcionário se torna desleixada e desperta preocupação no Conservador, “O chefe que ele a duras penas aprendera a conhecer nunca se comportaria desta maneira, não viria em pessoa interessar-se pelo seu estado de saúde, e a hipótese de querer, ele próprio, encarregar-se da compra dos medicamentos de um auxiliar de escrita, seria simplesmente absurda.” (SARAMAGO, p.128, 1997).

Essa hipótese absurda tornou-se verdade. A figura distante, indiferente e inacessível do Conservador apresentada no primeiro capítulo, cedeu lugar a de um homem acessível e humano, “O que me vale é ser este chefe o que é, murmurou, recordando as palavras do enfermeiro, se não fosse ele, ficaria eu aqui para morrer de fome e abandonado igual a um cão perdido.”(SARAMAGO, p.136,1997).

Ser-para-o-Outro significa ouvir o comando do outro; esse comando é inexpresso (é essa precisamente a razão pela qual minha responsabilidade é ilimitada), mas meu ser-para exige que eu o faça falar. Meu conhecimento é o único meio que tenho para fazê-lo falar. Se ser-para significa agir por causa do Outro, é o bem-estar ou a dor do Outro que emoldura minha responsabilidade, dá conteúdo ao "ser responsável". (BAUMAN, p.106,1997)

No tempo em que permaneceu acamado, para a surpresa de todos os demais funcionários, o chefe mandou o subchefe verificar como estava a saúde de seu subordinado.

Na noite em que estava recebendo os cuidados do enfermeiro, ele descobriu uma informação importantíssima acerca do trabalho do Conservador, a de que ele, pelo pouco trabalho que possuía, preocupava-se mesmo em coligir informações sobre a vida de seus subordinados. Tal notícia fez o auxiliar se arrepiar. Advertido de que o arrepio notado quando lhe fora revelado que o

seu chefe tem investigado a vida de seus subordinados não constaria no relatório, o Sr. José sentiu-se aliviado. O enfermeiro lá estava para investigá-lo.

Como trabalha com as palavras, o Sr. José soube se sair muito bem do interrogatório proposto pelo enfermeiro, não acrescentando nenhuma informação a mais em virtude dos alçapões e das portas falsas.

Mesmo com todo esse esmero e cuidado em não deixar à mostra qualquer vestígio das suas aventuras transgressoras, o Sr. José acabou sendo descoberto. A relação Conservador/Auxiliar de escrita se humaniza, como mostra o exceto abaixo,

A solidão Sr. José, declarou com solenidade o conservador, nunca foi boa companhia, as grandes tristezas, as grandes tentações e os grandes erros resultam quase sempre de se estar só na vida, sem um amigo prudente a quem pedir conselho quando algo nos perturba mais do que o normal de todos os dias, Eu, triste, o que se chama propriamente triste, senhor, não creio que o seja, respondeu o Sr. José, talvez a minha natureza seja um pouco melancólica, mas isso não é defeito, e quanto às tentações, bom há que dizer que nem a idade nem a situação me inclinam a elas, quer dizer, nem eu as procuro nem elas me procuram a mim, E os erros, Está a referir-se, senhor, aos erros do serviço, Estou a referir-me aos erros em geral, os erros do serviço, mais tarde ou mais cedo, o serviço os fez, o serviço os resolve, Nunca fiz mal a ninguém, pelo menos em consciência, é tudo quanto lhe posso dizer, E erros contra si próprio, Devo ter cometido muitos, se calhar por isso é que me encontro sozinho, Para cometer outros erros, Só os da solidão, senhor. (SARAMAGO, p.141,1997)

Até aqui tem-se visto uma personagem aturdida, viciada nos seu comportamento, diga-se, eivado pelas deformações que a solidão cria na mente e que avizinham a loucura. O “estar só” é condição *sine qua non*, que, a partir desse ponto se metamorfoseia em “lei nova”, conseguido pelo viés da compreensibilidade e identificação formadora por parte daquele que consegue entender o todo simbólico do fenômeno. A ipseidade, a forma como ele é no mundo, aquilo que o faz ser quem é, o seu diferencial, a sua característica *mater*, a sua distinção salta fora na esperança de ser reconhecida como alguém também admirável. A narrativa não está erguida sobre feitos napoleônicos de um *homem* que urde planos e redesenha continentes. Não se trata disso, trata-se tão somente de ser reconhecido como igual, de ter seu direito *mesmo* compreendido, pelo Chefe da Conservatória, de ser reconhecido

como alguém de suma importância entre os seus, e que, portanto, também contribui para a identidade do grupo.

Conforme Todorov (p.270, 2003), a problemática da alteridade está situada em três eixos, primeiramente é um julgamento de valor (um plano axiológico); o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele. Em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade ou indiferença.

É preciso ressaltar que é do *si* que provém a iniciativa de quem ama; e a amizade se mostra como o ambiente adequado para a boa convivência. No caso específico da Conservatória, o Conservador buscou integrar os interesses optando pela compreensão das ações de seu funcionário, estabelecendo assim uma nova norma e integrando às iniciativas do Sr. José ao conjunto do trabalho.

Segundo Paul Ricoeur (p.214, 2014) A semelhança é fruto do intercâmbio entre estima a si e solicitude para com o outrem. Esse intercâmbio autoriza a dizer que não posso estimar-me sem estimar outrem como a mim mesmo. Como a mim mesmo, significa: tu *também* és capaz de começar alguma coisa no mundo, de agir por razões, de hierarquizar tuas preferências, de avaliar os objetivos de tua ação e, ao fazeres isso, és capaz de estimar-te a ti mesmo, assim como eu mesmo me estimo.

Na relação que assim se estabeleceu entre o Sr. José, a Senhora do rés-do-chão-direito e o Conservador, demonstram que à medida que as personagens vão se “reconhecendo” as relações entre elas vão se humanizando, os pontos de vistas se aproximam e as ações justas preponderam, uma vez que a relação ética está estabelecida.

Uma outra relação de imagens que se sobrepõem aparece na narrativa de modo bastante significativo é a do Sr. José com o Pastor-de-Ovelhas. A narrativa mostra o quão se tornam obsoletas determinadas regras à medida que o tempo passa.

3.3 O SR. JOSÉ E O PASTOR-DE-OVELHAS

A construção da individualidade da personagem vai se concretizando e do encontro que teve com o Pastor-de-Ovelhas estabeleceu-se uma relação de alteridade, que pode ser definida como de Primeiro tipo.

Após acordar de uma noite passado no Cemitério, o Sr. José encontra o Pastor-de-Ovelhas e do contato com ele obtém uma significativa informação, o Pastor revela-lhe que troca os números das sepulturas antes que os nomes dos mortos sejam postos nelas. O Sr. José fica furioso e promete que vai denunciar o Pastor à polícia.

A narrativa já trouxe a informação que a personagem julga seus próprios atos como criminosos, mas ainda assim prossegue nas suas buscas. Vale lembrar a visão que o Sr. José teve quando se olhou no espelho na sala de banho da escola. Tanto lá quanto aqui, o reflexo das atitudes do Outro causaram-lhe a mesma sensação, “não imaginara que pudesse ter a cara naquele estado, sujíssima, sulcada de riscos de suor, Este não pareço eu, pensou, e provavelmente nunca o havia sido tanto.” (SARAMAGO, p.112,1997), visualiza-se pela justaposição dessas duas cenas o jogo ético-moral e limite-transgressão evidente na narrativa. Se o meio lhe permite agir dessa forma, tanto quanto ao Pastor, por que o Sr. José criminalizou as ações do Outro?

Uma apreciação estética que teve implicações morais, já que se calou diante da impossibilidade de desfazer toda a confusão criada pelo outro. E diga-se, a personagem não teve consciência para perceber que o outro era seu reflexo.

Tendo visto o outro como seu reflexo e não se sentido minúsculo diante da impossibilidade de por ordem ao caos, o Sr. José teria compreendido melhor as atitudes do Pastor e estabelecido com ele uma relação de alteridade de outro tipo.

Uma ética pós-moderna seria aquela que readmitisse o Outro como Próximo, como alguém perto da mão e da mente; e que restaurasse o significado moral da proximidade. A relação intersubjetiva é uma relação não-simétrica, em que “Eu sou responsável pelo Outro sem esperar reciprocidade, mesmo que tivesse que morrer por isso”. O nó da subjetividade consiste em ir

para o outro sem se importar com seu movimento para mim. Ou, mais precisamente, consiste em se aproximar de tal sorte que, acima e além de todas as relações recíprocas que não deixam de se estabelecer entre mim e o próximo, eu tenha sempre dado um passo a mais rumo a ele. A face de um próximo para mim significa uma responsabilidade inexplicável, precedente a qualquer consentimento livre.

De acordo com Paul Ricoeur (p.212, 2014), na amizade a igualdade é pressuposta, no caso da injunção vinda do outro ela só é restabelecida pelo reconhecimento da superioridade da autoridade do outro por parte do si; e, no caso da simpatia que vai de si para o outro, a igualdade só é restabelecida pela confissão compartilhada da fragilidade e, afinal, da mortalidade.

Mas há questões implicadas nesse movimento de proximidade e que causam ambivalência, que é o limite para que a minha responsabilidade-cuidado com o outro não se transforme em opressão.

No capítulo XVIII o solilóquio entre o Sr. José e o Tecto deixa escapar mais uma das muitas verdades, que se não fosse o Tecto, o leitor ficaria privado. Nela apresenta-se a temática do amor impossível, da mulher um tanto quanto idealizada. “E que me dizes do outro, O Outro quem, O ex-marido, provavelmente será ele a pessoa que mais poderá contar-te coisas acerca dessa tua mulher desconhecida, (SARAMAGO, p.247,1997), o Tecto propôs, mas o Sr. José deu pra trás “ Tens medo de que se ponha a falar das causas do divórcio, não queres ter de ouvir nada que vá em desabono dela.” (SARAMAGO, p.248,1997), e o Sr. José usa a retórica de que o mais certo seria o marido contar-lhe tudo, e esta seria a verdadeira versão da história, e o Tecto retruca dizendo que o Sr. José não é estúpido, entretanto leva tempo demais para perceber que está apaixonado por uma mulher idealizada, inacessível, que ele mesmo criou. “Que não tinhas nenhum motivo para ires à procura dessa mulher, a não ser, A não ser quê, A não ser amor[...] Queiras vê-la, querias conhecê-la e isto concordes ou não, já era gostar, (SARAMAGO, p.248, 1997).

Para Paul Ricoeur(p.213, 2014), o que a solicitude acrescenta é a dimensão de valor que faz cada pessoa ser insubstituível em nossa afeição e em nossa estima. Nesse aspecto, é na experiência do caráter irreparável da perda do outro amado que, por transferência de outrem para nós mesmos

ficamos sabendo do caráter insubstituível de nossa própria vida. É primordialmente para o outro que sou insubstituível. Nesse sentido, a solicitude responde a estima do outro por mim.

Após esta conversa, o Superego calou-se e, o Sr. José, decidiu ir à casa dos pais da mulher desconhecida, e lá chegando, agiu da mesma maneira, invadiu a privacidade da família. Com os pais da desconhecida, ele descobre que ela havia sido professora de matemática. Da Escola ele se dirige ao apartamento onde a professora de matemática morava e, uma vez lá, fuçou-lhe a intimidade.

Desse modo, o romance de Saramago constrói-se como um espelho da sociedade contemporânea. A secularidade revela uma sociedade vítima de um narcisismo crescente, de um voyeurismo incontrolável e um senso de superioridade sobre o Outro, que precisa ser justificado com a legitimação do poder do Eu, mesmo que ele se dê de maneira inescrupulosa. Ao que tudo indica os meios de comunicação de hoje são ferramentas fundamentais para esse processo, e por mais que o narrador ironize que, “felizmente a gente famosa não é assim tanta.” (SARAMAGO, p.29,1997), o início do século XXI está mergulhado nessa cultura da celebridade. Convém rememorar uma frase de Balzac em seu célebre romance, *Ilusões Perdidas* (Balzac, p.230,2011), para elucidar a tentativa de se manter sob a glória e o esplendor dos aplausos: “A polêmica é o pedestal da celebridade”.

A celebridade soa como uma espécie de imposição do sistema sobre as outras individualidades, uma projeção, um molde, um modelo de comportamento, um padrão que deve ser copiado pelos demais, que não possuem um passaporte especial, uma comenda, uma medalha que aquele indivíduo célebre e notório possui, um jogo simbólico que muitas vezes é levado muito a sério, e sobre o qual a moda, a política, se embasam, é evidente que esse sistema é excludente, poucos têm uma vida soberba, maravilhosa, digna de estar nos portfólios de celebridade que são as revistas de fofoca. É preciso reconhecer o Outro.

O romance termina com a tônica de que o Outro, seja ele quem for, tem importância.

Vale a máxima, e sobretudo as pessoas que detém o poder maior, serem a lança da moralidade, embora, na conservatória se apresente a

conclusão de Michel Foucault, que o poder está dividido, disseminado entre todos os outros indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O lixo é o principal e comprovadamente o mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo.[...] Isso faz da remoção de lixo um dos principais desafios que a vida líquida precisa enfrentar e resolver. O outro é a ameaça de ser jogado no lixo.”

Zygmunt Bauman em *Vida Líquida*.

Depois que os Totalitarismos experimentados em boa parte do século XX, pós-Segunda Guerra Mundial ruíram, uma Nova Ordem entrou em cena: a Pós-Modernidade, época conhecida pela grande circulação de informações, conhecimento e de maior liberdade. As revoluções de 1968 puseram os “discursos de extrema direita” em um ocaso, em um limbo no qual, nos últimos anos, seus defensores aparecem sem disfarce.

As utopias Modernas tinham essa fantasia “totalizante”: deslegitimar a diferença, igualar todos os seres em uma imensa fraternidade humana, que almejasse à Paz. A pergunta que se faz hoje é, “esse ainda é um sonho desejado por todos?”, “como realizá-lo sem cair nos extremismos?” Na Pós-Modernidade, as grandes utopias sociais desapareceram e no lugar delas prosperam as individualidades. Definir tal época não é tão fácil. Zygmunt Bauman a chama de “Modernidade Líquida”, “Mundo pós-fordista”, “Modernidade Fluída”. Para ele (BAUMAN, p.75, 2001), a Incerteza se instalou no mundo e nada é definitivo.

A dicotomia levantada por Bauman, *De jure* e *De facto*, em seu livro: *Modernidade Líquida*, mostra que em todos os lugares onde há uma república democrática instituída e uma carta constitucional promulgada, as pessoas são livres tanto no plano real quanto no das ideias, entretanto, “A sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores, e não de produtores”, quem “tem” é livre, quem não “tem dinheiro”, ou pouco poder de compra, nada pode no mundo. (BAUMAN, p.90, 2001)

Os estranhos são, desse modo, os grandes causadores do mal-estar. Tudo converge para um estado de precarização das relações humanas, e na mais otimista visão, este mundo sobre o qual levamos a vida é apenas uma passagem dolorosa e necessária para se chegar ao arco-íris da *New Age*. Os quase oito bilhões de seres humanos vagando pelo planeta têm um dilema a resolver: Como lidar com o excesso de gente?, Quem é o excedente?, Quantos são os que excedem? A imagem do soldado de Orwell esmagando com sua bota a cara de um ser humano, “desajustado”, é uma metáfora salutar a esses tempos que se dizem abertos ao “novo”.

A solução encontrada pela União Europeia de “interceptar militarmente” os barcos abarrotados de refugiados que saem da África e do Oriente Médio em direção à Europa causou esterrecimento. O exemplo estaria dado e a *aporia* resolvida.

O autor de *Evangelho Segundo Jesus Cristo, Memorial do Convento e Jangada de Pedra* estava mesmo era interessado no Homem, e não buscava a salvação, como querem muitos espiritualistas descrentes da evolução humana, vinda do espaço.

Em um mundo regado por inúmeras possibilidades futuras, o presente deixa de ser vivido e valorizado, o virtual ganha espaço e é confundido por muitos como Real. Por isso, ferramentas de contato social como o *Facebook*, *You Tube* e outras redes sociais servem como parâmetro de existência. O *You Tube* não é apenas um grande cérebro onde estão armazenadas informações culturais e históricas, é antes de tudo, um lugar capaz de transformar um anônimo em um deus da propaganda e do consumo. O tempo hoje, segundo Bauman (p.86, 2009) não é nem de criação, nem de destruição, nem de aprendizado, nem de verdadeiro esquecimento: é apenas a pálida evidência da futilidade, ou melhor, da tolice de tais distinções. Nada aqui nasce para viver muito e nada morre definitivamente. Os indivíduos vivem do *si-mesmo*, alimentam-se daquilo que os distingue dos demais, *ipseidade*, adentrando em uma torrente de exacerbação do ego que pode levá-los às patologias da solidão.

Nesses tempos de mais facilidades, Andy Warhol tornou-se profeta. No século XIX, quando Arthur Corvelo, protagonista do romance: *A Capital*, de Eça de Queirós, chegou a Lisboa, ele tinha o desejo de publicar o seu livro,

Relíquias & Perfumes, e com ele alcançar a fama; uma vez conseguida, teve de voltar à cidade de onde partira, porque a celebridade alcançada na capital mostrou-se efêmera e insustentável. Outra personagem que tinha como meta conquistar a “celebridade” na cosmopolita Paris, era Lucien de Rubempré, do romance *Ilusões Perdidas*, de Honoré de Balzac. No caso de Lucien, o passaporte para o mundo editorial e para os privilégios de classe era o seu sobrenome, herdado da mãe que fora duquesa. Se Lisboa e Paris foram, respectivamente, a Arthur e a Lucien, um sonho mítico de juventude regado a dinheiro e muitos prazeres, não havia espaço para o fracasso. Mas ele se fez presente e humanizou os protagonistas.

Como se sabe, um mundo sem sujeiras, sem estranhos, não é possível, a não ser por viés de totalitarismos e campos de extermínio. Saramago compôs um quadro de personagens que representam “a sujeira”, “o indesejado”. Criaturas que transpassaram costumes, que se revoltaram contra a opressão e cujas atitudes de sublevação nos levam a questionamentos morais ulteriores.

Para se solucionar esse Mal-Estar, é necessário que se utilize uma *ética* e uma *moral* que não excluam o diferente, mas que o integrem em um todo formado por diferentes matizes.

O “Conservador da Ordem”, o Estado, inclui, reconhece o *si-mesmo* presente no Outro, reconhecendo-o como parte fundamental em um processo adaptativo, de evolução de sua própria estrutura. A Conversatória, a grosso modo, representaria o Estado Moderno, que não anula o *humano Sr. José* e a transgressão que lhe é característica, mas o acolhe, o integra, se nutre de sua experiência individual. Em tempos de incertezas, o egoísmo não pode suplantar a solidariedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução: Pitero Nasseti, 2ª reimpressão. – São Paulo: Martin Claret, 2011.

BAKHTIN, Mikail. **Estética Da Criação Verbal**; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. - 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALZAC, Honoré. **Ilusões Perdidas**; tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**; tradução: Carlos Alberto Medeiros, - 2 ed.rev. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2009.

_____, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. São Paulo: Jorge Zahar, 2008.

_____, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna**. Tradução: João Rezende Costa . - São Paulo : Paulus, 1997.

_____, Zygmunt. **Mal-Estar Na Pós-Modernidade**; tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica de Luís Carlos Fridman. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____, Zygmunt. **Globalização: As Conseqüências Humanas**; tradução, Marcus Penchel.- Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CERDEIRA, Teresa Cristina. **José Saramago : A Ficção Reinventa A História** / Teresa Cristina Cerdeira da Silva. In: *Revista Colóquio/Letras*. Notas e Comentários, n.º 120, Abr. 1999, p. 174-178.

CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant com a colaboração de André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva...[et al]. – 22ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

COSTA, Horácio. José Saramago e a tradição do romance histórico em Portugal. **Revista Usp**, São Paulo, n.40, p. 96-104, dezembro/fevereiro 1998-99.

COSTA, Lígia Militz da. **A Poética De Aristóteles**. - 2ed.-São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar E Punir: Nascimento Da Prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 38.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HOBBSAWN, Eric. **A Era Das Revoluções: Europa 1789-1848**; tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

HOOFT, Stan Van. **Ética Da Virtude**: tradução de Fábio Creder. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era Do Vazio: Ensaio Sobre O Individualismo Contemporâneo**; tradução: Terezinha Monteiro Deutsch – Barueri, São Paulo. Ed. Manole, 2005.

MACHADO, Roberto. **Foucault, A Filosofia E A Literatura**. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2000.

MOISÉS, Leyla Perrone. **A Ficção Como Desafio Ao Registro Civil**. Leyla Perrone-Moisés. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 151/152, p. 429-439 Jan. 1999.

MORIN, Edgar. **O Homem E A Morte**. Tradução de Cleone Augusto Rodrigues. – Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORIN, Edgar. **O Método 6: Ética**; tradução Juremir Machado da Silva. 3ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2007.

RICOEUR, Paul. **O Si-Mesmo Como Outro**; tradução: Ivone C. Benedetti. – 1ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SANTOS, Bartolomeu dos. **Todos Os Nomes [Desenho]** / Bartolomeu dos Santos. In: *A ficção como desafio ao Registo Civil* / Leyla Perrone-Moisés. Ilustração, n.º 151/152, p. 427, Jan. 1999.

SARAMAGO, José. **Todos Os Nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Franklin Leopoldo e. A dimensão ética da palavra. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(2): 53-66, outubro de 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista Da América: A Questão Do Outro**; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – 3ed-São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____, Tzvetan. **Introdução À Literatura Fantástica**; [tradução: Maria Clara Correa Castello].- São Paulo: Perspectiva, 2010.

VIEIRA, Agripina Carriço. **Da História Ao Indivíduo Ou Da Excepção Ao Banal Na Escrita De Saramago** : do «Evangelho segundo Jesus Cristo» a «*Todos os Nomes*» / Agripina Carriço Vieira. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 151/152, p. 379-393 Jan. 1999.

WATT, Ian. **A Ascensão Do Romance: Estudo Sobre Defoe, Richardson E Fielding**; tradução Hildegard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SITES:

Janela da alma: José Saramago. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: Ravina filmes. Co-Produção: Dueto Filmes. Documentário: 73 min. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=EyOcrCwekM>. Acessado em 15 de janeiro de 2016.

Jornal da Globo. José Saramago parte 2 de 2. Reportagem de Edney Silvestre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KukaoWu00Uw>. Acessado em 20 de maio de 2016.

José e Pilar. Direção: Miguel Gonçalves Mendes. Produção: 02 Filmes e El Daseo Documentário 125min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7gtrxfhcfi0>. Acessado em 20 de maio de 2016.

Saramago: Documentos. Direção: João Mário Grilo. Produção: Isabel Colaço. Entrevista conduzida por Clara Ferreira Alves. Documentário: 54 min.

Última Hora. Reportagem do Jornal português Última Hora: Morreu José Saramago. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ph6BG30jXpc>. Acessado em 15 de junho de 2016.